**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

*Marina Janini Costa*

# *Trilhares*

## *Uma Inserção Nos Caminhos Da Leitura*

**Campinas**
**2007**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

*Marina Janini Costa*

# *Trilhares*

## *Uma Inserção Nos Caminhos Da Leitura*

Monografia apresentada como exigência parcial
para a conclusão do curso de Pedagogia pela
Faculdade de Educação
da UNICAMP, sob orientação da
Profª Drª Dirce Djanira Pacheco e Zan

**Campinas**
**2007**

# Agradecimentos

Agradeço àqueles que, trazidos pelas brincadeiras da vida, cruzaram o meu caminho e escolheram nele permanecer; àqueles que com os seus sins e nãos , com os olhares amorosos - ainda que este amor se traduzisse em reprovação - com a segurança de um peito e mão abertos, auxiliaram-me nos trilhares do meu percurso.

Primeiro a mãe e o pai, depois a irmã e então o filho, para comporem aquela que sou.

José Carlos, Elizabeth, Kátia e Cauê, lhes amo e agradeço pelo amor, pelo incentivo, pelo suporte dado ao longo de minha existência ... nas minhas experiências de ser neste mundo.

Marina.

# *Sumário*

Introdução - 6

Leitura e Escola - 9

*Contexto Histórico - 10*
*O Uso Pedagógico do Livro Infantil:Que Pedagogia É Esta? - 13*
*O Ato da Criação - 15*

*O Bairro - 18*

*Núcleo Residencial Carlos Aldrovandi - 21*

A Feira de Literatura - 26

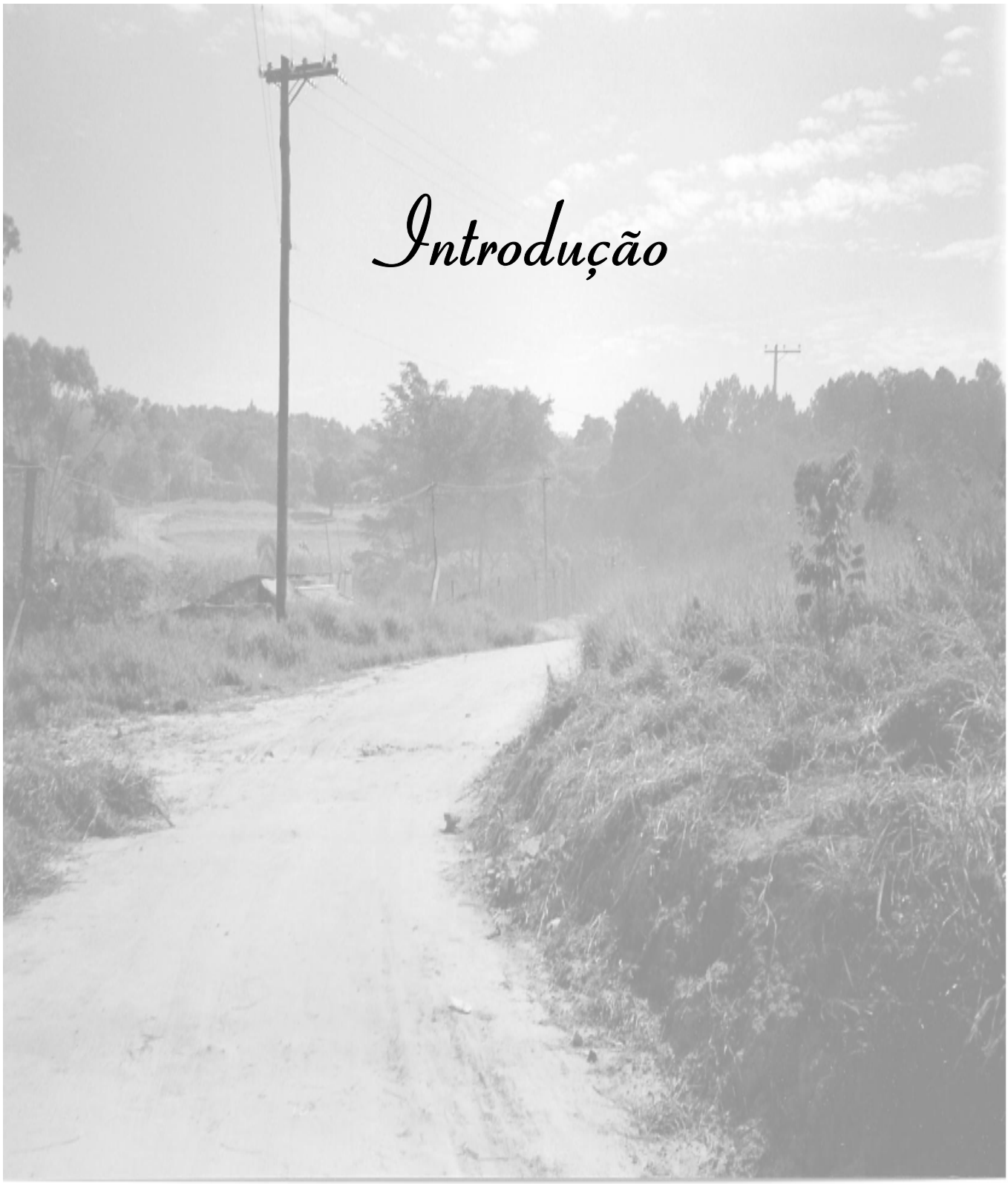
*A Biblioteca Escolar: os bastidores da Feira de Literatura - 29*

Algumas Considerações - 35

Bibliografia - 39

Anexos - 41

*“A História da humanidade constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através de movimentos dialéticos e da ação de sujeitos históricos, individuais ou coletivos, transformam as condições de vida do ser humano ou se empenham em mantê-las como estão*.” *(Delgado,2006,p15.)*



# Introdução

Num exercício de abstração, sempre tive como costume, rememorar passagens de minha infância, sem que houvesse conscientemente um fim ou uma causa para tal. Muitas dessas lembranças fizeram-se opacas pelo tempo e outras, no entanto, mantiveram-se nítidas. E são justamente estas as que me interessam. Vejo-me pequena rodeada por letras, imersa num mundo de colorido, de ilustrações e histórias.

Num movimento de ida e volta, e que, no entanto, me parece atemporal, percebo que a prática de leitura com que venho convivendo desde tenra idade permeia as relações que estabeleço com o mundo em que vivo e aquele que construo.

A prática de leitura e da escrita me fora garantida preferencialmente no âmbito familiar. Este, no entanto, não exauriu o contingente de experiências desta natureza; contracenava neste mesmo palco a escola.

E trazer para dentro das questões de ensino e aprendizagem escolar, a identidade dos sujeitos (do docente e do discente) faz-se imprescindível, assim como o faz, lembrar que tal discussão é válida somente quando se consideram os atributos culturais e sociais, os herdados e os adquiridos, por meio dos quais se dá a construir essa tal identidade.

E sobre identidade diz Paulo Freire que na *" relação contraditória, que somos nós mesmos, às vezes, o que adquirimos em nossas experiências sociais, culturais, de classe, ideológicas, interfere de forma vigorosa, através do poder dos interesses, das emoções, dos sentimentos, dos desejos, do que se vem costumando chamar 'a força do coração'..."* (Freire, 1994, p 95).

E é neste momento que opto por voltar meu olhar para as práticas de leitura que permeiam o cotidiano de uma escola municipal, onde trabalho como secretária de escola desde o início deste ano, localizada no município de Indaiatuba, interior do estado de São Paulo, procurando perceber como elas se mantêm numa realidade supostamente adversa à sua concretude. Adversa porque existe num bairro localizado no esquecimento da cidade, atendendo a uma comunidade oriunda de uma classe econômica e socialmente desfavorecida.

Escolhi reconstruir parte da história da Feira de Literatura que existe nessa escola desde 2005 e refletir, a partir dos depoimentos coletados, o papel que este evento tem na construção de relações de crianças, pais, professores e comunidade em geral com a leitura naquele lugar. Ambiente inesperado? Talvez!

Mas é justamente na força de seu esquecimento que as primeiras famílias da comunidade encontrarão voz para tornarem-se visíveis.

À primeira vista, a leitura se nos mostra tomada como prática integrante da formação, quiçá re-formação dos alunos, enquanto sujeitos históricos e agentes sociais, possibilitada aparentemente pela maneira com que a unidade escolar relaciona-se com a leitura e sua função social e a postura que assume no cotidiano escolar.

Para tanto, julguei igualmente necessário tentar reconstruir parte da história da própria comunidade em que está inserida a escola.

Ao longo deste trabalho trarei ao leitor fragmentos dos depoimentos coletados junto a alguns agentes que participam da rotina escolar, aos quais irei me referir, respectivamente, da seguinte maneira: D.E. (Diretora da Escola), P.P. (Professora da Pré-escola), P.F. (Professora do Ensino Fundamental), P.S.M. (Professora Substituta e Mãe de Aluno), I.A. (Inspetora de Alunos), M.A.1 (Mãe de aluno 1) e M.A.2 (Mãe de Aluno 2) e C.B., iniciais do nome de uma das mais antigas moradoras do bairro. Frente ao objetivo de recontar e reconstruir essa história, o critério que utilizei para selecionar os entrevistados foi o tempo em que estão envolvidos nessa e com essa realidade. Todos eles freqüentam a comunidade ou a escola há mais de quatro anos.

Busquei na História Oral o suporte metodológico para este trabalho. A História Oral consiste num método qualitativo de produção de conhecimento histórico, mediante os relatos e depoimentos de indivíduos que estão direta ou indiretamente envolvidos no processo histórico que se deseja estudar (neste caso, moradores do bairro, pais de alunos, professores, funcionários, Diretora da escola) a partir da ligação dos processos históricos, temporais e mnemônicos. A História Oral lida com intersubjetividades já que recorre à memória do entrevistado (memória individual e coletiva) como fonte que subsidiará a produção do

conhecimento, perpassada pelo olhar do pesquisador/entrevistado. Desta maneira evidencia ao mesmo tempo acontecimentos relativos à época enfocada no depoimento e à época em que o depoimento está sendo coletado.

Neste trabalho utilizei-me de dois tipos de entrevistas:

1)Entrevistas Temáticas: entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados;

2)Trajetória de Vida: depoimentos de história de vida mais sucintos e menos detalhados, acontecendo quando o entrevistador ou o entrevistado dispõem de pouco tempo.

Segundo Delgado (2006), este método apresenta possibilidades e limitações para a pesquisa histórica, as quais elencarei abaixo:

Possibilidades mais significativas segundo a autora:

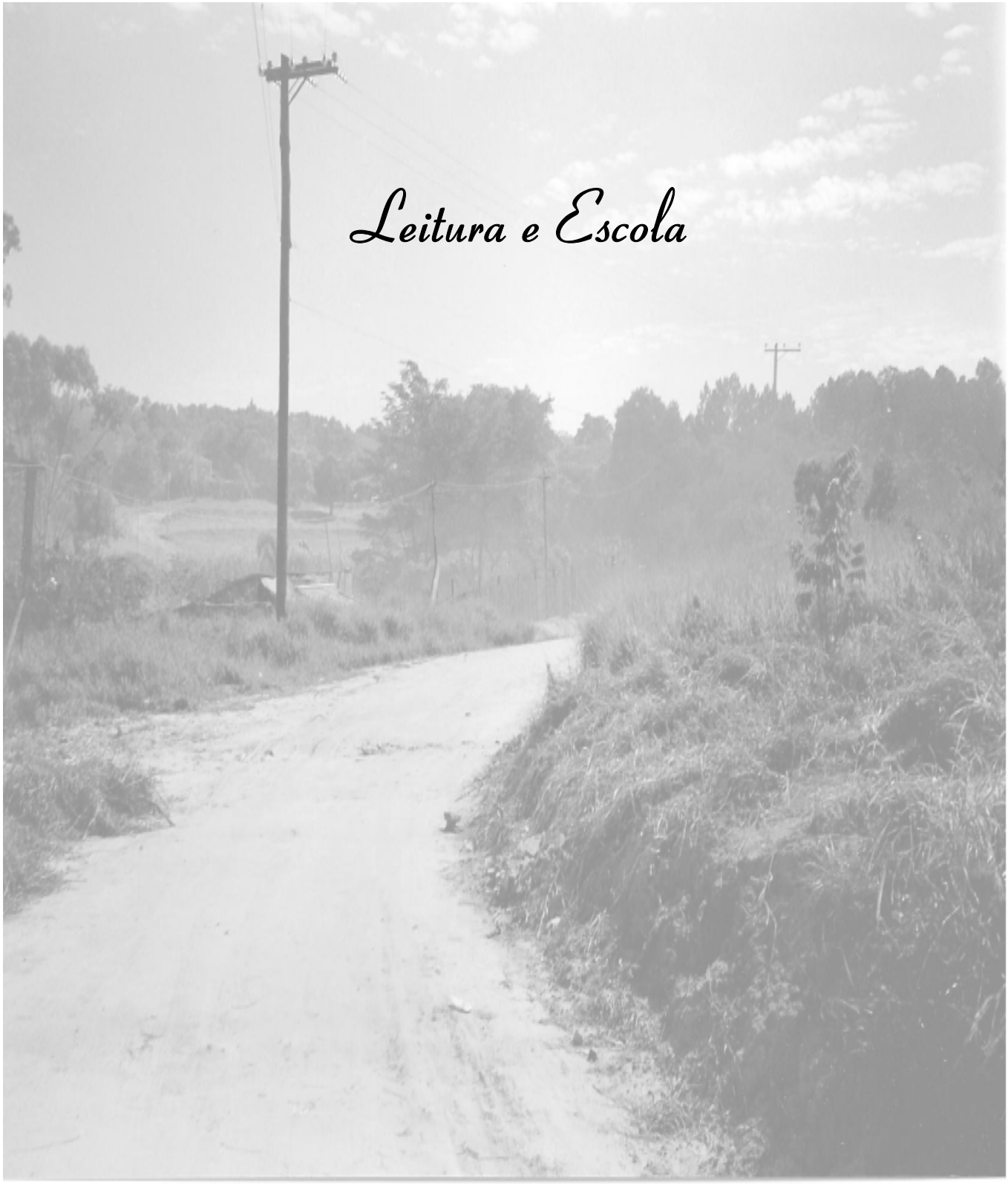
- Revelar novos campos e temas para pesquisa;
- Apresentar novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos;
- Recuperar memórias locais comunitárias regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões;
- Possibilitar a construção de evidências via entrecruzamento de depoimentos;
- Recuperar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documento, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade de pesquisadores por diferentes razões;
- Possibilitar a redefinição de cronologias históricas através de depoimentos que revelam novas óticas e diferentes interpretações em relação às predominantes sobre determinado assunto ou tema;
- Contemplar o registro de visões de personagens ou testemunhas da história, nem sempre considerados pela dominada história oficial. Isto é, recolher depoimentos de anônimos, vencidos, membros de movimentos étnicos, integrantes de comunidades alternativas, entre outros;

- Possibilitar o registro de versões alternativas às da história predominante, por meio de entrevistas cm membros da própria elite e com pessoas vinculadas às instituições de poder;
- Possibilitar a associação entre acontecimentos da vida pública e da vida privada, por meio das narrativas individuais;
- Apresentar-se como alternativa ao caráter estáticos do documentos escrito, que permanece o mesmo através do tempo.

Principais limites segundo a autora:

- Aplicabilidade do método somente às épocas contemporâneas, à história do tempo presente;
- Predomínio da subjetividade, o que, no entanto, não deve ser considerado somente um problema, mas sim, um desafio, tanto no que se refere à etapa de recolhimento do depoimento como no que se relaciona à fase de sua interpretação;
- Possível influência, mesmo que involuntária, do transcritor de entrevista no conteúdo do documento escrito, oriundo do documento oral;
- Influência da conjuntura sobre o documento produzido – o que possibilita alterações de visões sobre o mesmo fato ou processo, à medida que o tempo transcorre e as conjunturas se renovam;
- Dificuldade de se registrar expressões de rosto e emoções no documento escrito decorrente da entrevista, que não foi gravada em vídeo ou DVD.

> *Não é a história em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre e o que ficou como herança ou como memória. (Delgado, 2006, p.18)*



# Leitura e Escola

# Contexto Histórico

Por mais árdua que se nos mostre a tarefa de perceber, dentre as paixões que movem os seres humanos, aquilo que é próprio de nossa natureza daquilo que nós mesmos construímos com nossas ações, as paisagens, os cenários insistem em se mostrarem diversos do que um dia costumavam ser. Deveras são as transformações por que passam os seres viventes. Na dança da existência dançam igualmente os corpos, as mentes, os valores.

Gradativamente, viu-se uma sociedade feudal dar lugar a uma sociedade burguesa implicando em mudanças na conformação dos indivíduos dentro desse novo modo de conceber e manter os costumes.

Uma sociedade tradicional, organizada em estamentos onde não se ouvia dizer em mobilidade social, mantinha-se tão mais forte enquanto as gerações fossem iguais às gerações anteriores por meio da preservação da família e dos laços de parentescos, em busca da manutenção da propriedade e da transmissão da herança. O casamento, então, é o principal instrumento que viabiliza tais idéias, de forma tal, que em seu interior não era necessária a existência dos laços afetivos entre os cônjuges e entre os pais e os filhos para o equilíbrio e manutenção da família. Ainda, inexistem as noções de privacidade ou vontade individual, porquanto os interesses e as prerrogativas do grupo tinham que ser atendidos.

Essas relações de família e sociedade estavam, a todo o momento, acompanhadas e monitoradas pelo Clero que se fazia confundir com o poder militar, à medida que vigiava e punia, disseminando e legitimando os valores de então, fazendo valer um conformismo embasado numa fé cega.

Nesta sociedade antiga a duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, porquanto o sentimento de infância inexistisse, motivo pelo qual não havia uma consciência acerca das particularidades infantis.

Assim, tão logo

> *a criança tivesse condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não distinguia mais destes*
>
> *(Áries, 1981, p 156)*

A educação da criança e sua socialização não eram asseguradas nem controladas pela família: davam-se fora do ambiente familiar, no convívio com a sociedade. Uma vez que a criança participava da vida social dos pais, tinha acesso às mesmas informações e acontecimentos do mundo adulto.

> *A criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude. (Idem. p 10)*

Do exposto acima se percebe que o sentimento de infância e percepção de suas especificidades acompanham as evoluções por que passa a sociedade européia, da Idade Medieval à Idade Moderna, nos aspectos econômicos e políticos em que religiosidade, cultura, e ciência imbricam-se - e por isso se definem.

Com uma burguesia ascendente e um capitalismo pungente, o poder centrado num governo absolutista traz consigo a fragilização dos grupos de parentescos e passa a ter na família nuclear, fundada no individualismo, na privacidade e na promoção do afeto, seu principal sustentáculo no que tange à

manutenção de sua estrutura e à sua universalização. Este estado centralizado passa a ser o principal colaborador para garantir o desenvolvimento, equilíbrio e o bom funcionamento da engrenagem social.

As vivências de adultos e crianças passam a ser específicas e marcadas pela segregação por grupos etários; a maldade inata é substituída pela inocência inata; a afeição inexistente dá lugar à afeição necessária; no campo científico há o surgimento da preocupação com a higiene e com a saúde das crianças e da pediatria se definindo como campo específico da medicina.

Fosse pra garantir uma mão-de-obra barata, fosse pra cuidar dos pequenos futuros burgueses, a dinâmica social estava voltada para uma direção que mantivesse as relações entre seus agentes em consonância com os interesses da elite da época. A criança, neste momento da história, passa a ser portadora dum status que antes não lhe fora conferido.

A diminuição da importância concedida às amas de leite na família burguesa vem acompanhada pela valorização da mulher dentro do lar. A mulher ocupa um novo lugar social, na medida em que passa a assumir o papel de mãe e de esposa, centralizando e assegurando no núcleo familiar, o controle do universo caseiro.

Nas camadas populares o que se deu foi um esforço por parte do governo para que houvesse a incorporação da noção de família pelo trabalhador, bem como do zelo para com os filhos e sua educação e a importância da sustentação do casamento.

Assim, a aprendizagem que antes se dava pela prática fazendo junto ao adulto é deslocada para a escola, lugar privilegiado de educação das crianças, que tinha por fim preservar a criança de si própria, conter seus impulsos, promover atividades que afastassem a criança de seu próprio pensamento. A vigilância, a dor e o temor fazem parte da formação do bom cristão. A idéia do bom selvagem legitima a separação da criança da sociedade. O que passa a ser interditado é o mal e não a criança em si.

Se para o bem ou para o mal, não o posso afirmar, é constatado, contudo, que o processo de privatização da família e a ocupação de um novo lugar social

pela criança e pelo jovem ocasionaram - além da separação do mundo adulto - sua alienação da realidade exterior, isolando-os no estrato social.

Para o filho do proletário, a escola corrobora com a função, previamente estabelecida (e mal desempenhada posto que homem e mulher têm de trabalhar para sobreviverem) ser de responsabilidade da família, qual seja, a de segregar a criança do mundo adulto. E é nesta lacuna entre criança e sociedade que a escola vai assumir a função de mediadora do mundo exterior e do mundo interior da criança, com o ímpeto de reintroduzi-la na realidade externa, ou seja, na sociedade; ainda que, digo, especialmente por esta realidade a ser apresentada à criança será aquela enxergada e lida pelas lentes da instituição escolar, de uma sociedade capitalista, no auge de sua construção como tal.

Nesse turbilhão de reformulações em que se encontra a sociedade moderna surgem as obras literárias voltadas para o mundo infantil, sob contestações valorativas quanto ao seu caráter artístico. Tais contestações advogam que a funcionalidade da literatura infantil está pautada sobre concepções pedagógicas por aliar-se ao ensino formal servindo-lhe de instrumento, uma vez que sua especificidade está reduzida à promoção e reprodução de valores e princípios de uma dada sociedade, colaborando na dominação dessa nova classe que constitui a infância, decomposta no amanhã em proletários e burgueses.

## O Uso Pedagógico Do Livro Infantil: Que Pedagogia É Esta?

Um pouco acima apresentei ao leitor o contexto em que aparecem as primeiras obras literárias para a criança. Acredito que as discussões, entorno da literatura infantil e do uso que a pedagogia faz dela, instrumentalizando-a a favor de suas práticas, são válidas à medida que podem pôr em evidência os meios pelos quais uma dada sociedade, dividida em classes – e em saberes - se vale a fim de promover e disseminar seus postulados. E tais críticas estendem-se aos dias atuais. Ouve-se falar do uso pedagógico do livro infantil.

No entanto que pedagogia é esta? O que se naturalizou como prática pedagógica?

Tais críticas me parece pressuporem serem os objetivos da escola e da pedagogia os mesmos de outrora em todos os aspectos, nos políticos, nos ideológicos e práticos especialmente, em que a criança deverá ser (en)formada, afastada de si; crêem que a escola continua a tomar a criança como uma tábula rasa, depositório de conhecimentos e verdades legitimados por outrem.

Aqueles que nisto crêem, caem na ingenuidade de desconhecer que,

> *não temos (professores) como controlar os processos de compreensão que acompanham nossos dizeres (...) porque o outro a quem a aula se dirige não é 'um ser privilegiado de palavras' de significados, de vivências e de experiências: a compreensão é sempre uma réplica à palavra do outro, produzida pelo encontro/confronto entre as palavras 'alheias' e as palavras de que já nos apropriamos.* (Fontana,2001, p. 34)

Sim, a sociedade que hoje está posta pouco se diferencia da sociedade nascente no século XVII, pelo menos no que se refere às relações de poderio econômico, isto é, continua havendo o filho do burguês, o filho do proletário e um Estado que centraliza as decisões concernentes à nação embebidas, obviamente, na ideologia que sustenta.

Contudo, ao mesmo tempo em que nos escapa das mãos o poder de fazer do oceano turbulento em que navegamos um mar sereno, ou de fazer brisa dos tufões que nos sopram as faces, não nos escapam os saberes que vimos construindo ao longo de nossa trajetória enquanto indivíduos. Não nos escapa aquilo que nos identifica, e que é justamente o que nos move.

Para que se mudem os discursos acerca das práticas pedagógicas ( já que se chegou ao ponto de se usar tal expressão de maneira reducionista de um conjunto de ações e valores dentro e fora da sala de aula) advogo aqui por que seja naturalizada esta pedagogia que vemos igualmente acontecer e que vimos defendendo. Uma pedagogia que se volta para a criança e que a enxerga como

sujeito histórico, logo, ocupante de um lugar social, temporal e cultural de onde emite olhares. E por ser sujeito constitui-se justamente nas relações com o outro, mediante as experiências que já viveu até seu ingresso na escola e durante ele. Esta pedagogia permite que à linguagem escrita seja conferido sentido por aquele que ocupa o papel social do aluno, já que aquele que ocupa o lugar social do professor sabe que o ato de ensinar e o de aprender não se encerram em si mesmos.

## O Ato Da Criação

A partir da leitura da bibliografia que embasa este trabalho entendo que as práticas de leitura podem ser recebidas de duas maneiras distintas, com diferentes implicações para o sujeito leitor. Este pode atribuir-lhe um caráter formador, ou um caráter reformador.

Concentremo-nos no primeiro. O caráter formador atribuído às práticas de leitura tem suas raízes históricas quando da formação da sociedade burguesa contemporânea, e assim como histórico é seu surgimento, igualmente históricos são os valores e pressupostos que, ao longo do tempo, foram sendo agregados ao seu entorno, e que hoje, lhe são intrínsecos.

> *Sempre que examinada historicamente a questão relativa à ligeratura infantil e leitura, constata-se que a ênfase na forma literária ocorreu simultaneamente à difusão de uma política de alfabetização em massa, a partir do século 18. Ambos os processos resultaram de um fenômeno mais geral, cujo desdobramento caracteriza a civilização contemporânea (...) a) a instalação plena da revolução industrial e o conseqüente crescimento da economia capitalista; b) a configuração de novas classes sociais como a burguesia, o proletariado e a pequena burquesia; c) a expansão da vida urbana; d) a difusão de uma estrutura familiar ciosa de sua privacidade e da manutenção dos laços afetivos internos, através do estímulo às relações solidárias e amistosas entre*

> *marido e mulher e entre pais e filhos; f) a reforma da escola, tendo sido estimulada a formação pessoal, através da valorização do domínio da leitura e escrita, assim como da apropriação de conhecimentos intelectuais, segmentados e organizados nucleamente em torno a disciplinas várias (Zilberman, 2003, p. 96)*

Dentre as funções da escrita há a de preservar e difundir os valores de uma dada sociedade, reproduzindo seus ethos, criando realidades, hierarquizando saberes, lugares e representações sociais. E é justamente o acesso (e o não acesso) ao texto escrito que mantém as relações de forças entre o ato criador (quem diz o quê e de onde o diz) e o ato consumidor (quem lê e o que deve ser lido); que mantém a existência de uma elite socialmente autorizada a criar, que mantém a organização sócio-econômico-cultural das sociedade.

E essa relação escrita-leitura pressupõe aquele que escreve. E este que escreve, o faz ocupando um dado lugar, num dado momento. E ao receber o texto escrito sob a ótica formadora, o leitor assume para si uma postura passiva, coloca-se como fragmento neutro no tempo e no espaço em que existe.

No entanto, creio que, assim como aquele que escreve (produz), aquele que lê (consome) também ocupa um lugar social, também faz história e, portanto, é igualmente criador.

E como quem cria, o leitor recebe a leitura como prática reformadora.

> *O leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo. Robinson de uma ilha a descobrir, mas possuído também por seu próprio carnaval que introduz o múltiplo e a diferença no sistema escrito de uma sociedade e de um texto. (...) Perde aí as seguranças fictícias que o colocam o eu no tabuleiro social.(...) Assim escapa também à lei de cada texto em particular, como à do meio social. (Certeau, 2000, p. 269)*

Por assim dizer, postar-se frente à leitura e aceitá-la como prática reformadora, dinâmica, nunca estática, tem por princípio aceitar as

(re)significações que o sujeito leitor faz do e com o texto escrito, os novos sentidos que lhe atribui, o lugar (ou o não lugar) que ocupa e as criações que projeta. Posto que é justamente nessa relação de criar sobre a criação que o texto adquire sentido.

Desta maneira é legítimo defender que as práticas sociais de leitura carregam consigo a capacidade de permitir que o sujeito-leitor localize-se no tempo e no espaço sociais, e possa construir novos rumos já que ao olhar para si o que verá será um sujeito-histórico.

As práticas de leitura permitem que aquele que a pratica viaje a novos mundos, crie paisagens, crie lugares, remeta a lembranças, transcenda o tempo e o espaço - embora aconteça aqui e agora – e torne a olhar para si.

> *Assim, se a criança – devido não só à sua circunstância social, mas também por razões existenciais – se vê privada ainda de um meio interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É esse lugar que a literatura infantil preenche de modo particular.*
>
> (Zilberman,2003, p.45).

Para a criança, o faz de conta, a fantasia, são meios de acesso ao real. Uma vez ordenados de forma sistemática, os acontecimentos que se dão no livro infantil representam as relações que se dão na realidade, auxiliando a criança tornar-se, pouco a pouco, cônscia do mundo e da cultura em que está inserida. A formação do indivíduo, inclusive em termos psicológicos, dá-se mediante as experiências que vive, os sentidos que este atribui aos signos e eventos que os circunda. Dessa maneira a linguagem, a história de faz de conta, tornar-se-á mediadora das relações do real e a criança, e promoverá a expansão de seu domínio lingüístico.

O BAIRRO

Quer esteja embevecido pela paisagem ou adormecido pelas projeções e regressões de seu pensamento, surpreso torna-se o desatento que trafega pela Estrada do Sapezal, quando se dá a ouvir o que conta aquele primeiro vilarejo, à direita de quem vai.

*Avenida em que hoje estão construídos a Escola e o Centro Comunitário*

Poder-se-ia dizer, que deixariam de ser estorvos os transeuntes que lhe atrapalham o trânsito; neles haveria olhos, haveria a marca do tempo no rosto, lhes haveria calos nas mãos, vidas e trilhares.

EMEF “PROFª MARIA ALBERTINA BANNWART BERDU”

Indaiatuba, São Paulo

*Vista lateral do Prédio Escolar antes de ser reformado, quando possuía somente 4 salas de aula*

Nos seus cinco anos de existência circulou por ela pouco mais de 1000 alunos, cada qual trazendo para dentro das paredes do prédio escolar sua vida, contribuindo para a construção da história deste lugar. A escola é uma das grandes conquistas resultantes da luta dos moradores do Núcleo Residencial Carlos Aldrovandi, localizado na cidade de Indaiatuba, interior do estado de São Paulo, no que concerne à implementação da qualidade de suas vidas.

*“Se você tem coragem os outros criam coragem”(C.B.)*

# Núcleo Residencial Carlos Aldrovandi

*"Aos poucos a gente ia conscientizando o nosso pessoal, fazendo movimento, indo na prefeitura, reivindicando, e quando não era atendido botava a boca no trombone mesmo. E chamava a imprensa, a TV Campinas, fazia o diabo a quatro aqui" (C.B.)*

A escola está localizada em um pequeno núcleo residencial, loteado há 49 anos, rodeado por grandes fazendas, grandes chácaras, grandes condomínios fechados (grandes nas proporções e nas ostentações do patrimônio dos que os possuem), e não sei ao certo se apesar de seu tamanho, ou se justamente por causa dele, grande teve de ser a luta de seus primeiros e pequenos moradores. Luta tanto para tornarem-se visíveis - à administração pública especialmente – quanto para a construção de sua identidade: moradores do Núcleo Residencial Carlos Aldrovandi.

*"A gente foi motivando as pessoas (moradores) a lutar por isso aqui (...)Falar do Aldrovandi na cidade ninguém conhecia, então você tinha que dar como referência a Polaris ou o Pólo". (C.B.)*[1]

Seus moradores: lavradores e caseiros dos arredores.

[1] Por estar ao lado de grandes condomínios tanto seus moradores como os moradores da cidade referiam-se ao bairro pelo nome destes condomínios.

*Construção do Prédio Escolar; ao fundo a construção do ginásio de Esportes da Associação Comunitária de Helvetia.*

Há dezoito anos, este núcleo residencial era composto por algo entorno de 15 famílias. Obviamente não contava com iluminação pública, comércio, coleta de lixo, transporte público, ruas asfaltadas nem rede de esgoto. As casas eram esparsas nas vielas improvisadas no meio da vegetação. O que hoje é a avenida de acesso ao bairro, era antigamente uma estrada vicinal pela qual se realizava o escoamento dos alimentos produzidos nas propriedades rurais da região.

A escola mais próxima está a uma distância de 10km e pelas condições oferecidas aos moradores, àquela época, não eram poucas as dificuldade de acesso das crianças ao ensino formal. Dessa maneira, ter uma escola no bairro passa a ser um dos objetivos das lutas travadas.

A igreja Santo Expedito, construída no bairro, tornava-se aos poucos local onde as almas reuniam-se, em busca do sagrado, no plano espiritual, e os corpos, no plano físico, em busca da subsistência.

As festas promovidas pela igreja nas datas religiosas traziam para dentro do cotidiano do bairro, não somente a atenção, como os próprios moradores dos condomínios vizinhos. Assim, as cestas básicas doadas aos moradores do bairro

trouxeram além do arroz e feijão a parceria na luta política em busca da melhoria da infra-estrutura e qualidade de vida destes atores.

*Vista aérea do Prédio Escolar já construído, da Associação Comunitária de Helvetia e do Ginásio de Esportes (este, como se vê, ainda em construção).*

Não prego aqui ter sido benevolência o motivo da parceria que surgia, nem tão pouco o procuro desvendar. Constato sim, que benefícios existiram, como a construção de um Posto de Saúde da Família em parceria com a Secretaria de Saúde da cidade e do Centro Comunitário de Helvetia gerido por condôminos que se envolveram na dinâmica do bairro, oferecendo atividades de artesanato e recreação para as crianças do bairro. O bairro também é servido por uma linha de ônibus que conduz os moradores ao centro da cidade e hoje existe também coleta de lixo semanal, porém, ainda não possui asfalto e nem rede de esgoto.

Em 2000 a Prefeitura Municipal aprova verba destinada à construção da escola. No entanto, a idoneidade dos trâmites de aprovação de tal verba fora contestada, prorrogando a aprovação definitiva e a construção da escola por mais dois anos.

Em fevereiro de 2002 tiveram início as aulas, ainda com o prédio em construção com pedreiros e demais funcionários da empreiteira executando seu trabalho no pátio da escola.

Neste começo a escola contava com três funcionários apenas, quais sejam, a diretora (que se manteve a mesma durante estes cinco anos), uma secretária e um servente auxiliar. As quatro salas de aula recebiam ao longo do dia 79 alunos matriculados na Educação Infantil nos períodos matutino, intermediário e vespertino; 167 no Ensino Fundamental nos períodos da manhã e tarde e 20 alunos matriculados no Projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno.

A princípio ela se destinava a atender somente a demanda do bairro, mas como era a única unidade escolar da região, passa a atender os seguintes bairros vizinhos: Jardim Brasil, Fogueteiro, Chácara Alvorada, Helvetia, Mirim, Morro Torto, Recreio Campestre Internacional de Viracopos, Parque das Bandeiras, Pinheirinho, Sapezal, Serra D'água, Chácara Polaris, e Vila Santa Rita.

A EMEF é inaugurada em 15 de junho daquele mesmo ano.

Assim como crescia o bairro, crescia a escola e o Centro Comunitário. Posteriormente os moradores são beneficiados com um ginásio de esportes construído pela parceria anteriormente citada passando a abranger a área esportiva – fecha-se parceria com a Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo, passando a oferecer aulas de karatê, capoeira, futebol e recreação, e com uma empresa privada, oferecendo cursos de informática.

Três anos após sua inauguração o prédio escolar passa por uma ampliação, quando foram construídos um mezanino, onde também se encontra a sala de biblioteca, uma sala de inspetoria e mais duas salas de aula.

Atualmente, a EMEF "Profª Maria Albertina Bannwart Berdu" atende cerca de 400 alunos dos quais 90 freqüentam a Educação Infantil e o restante o Ensino Fundamental e destes cerca de metade vêm à escola fazendo uso do transporte escolar por residirem a mais de 2 km da unidade escolar. Seu corpo docente é composto por 20 professores. Além desses, atuam também na unidade escolar,

01 Coordenadora Pedagógica e 01 Diretora, acompanhando a trajetória da escola desde o início, por nela atuar desde então.

Primeira apresentação dos alunos da EMEF “Profª Maria Albertina Bannwart Berdu”, com o prédio escolar ainda interminado”.

* Não foram encontrados registros fotográficos no acervo da escola das Feiras de Literatura realizadas até a presente data.

A Feira de Literatura

Pois bem, o ano de 2007 será o terceiro ano em que a Feira de Literatura acontecerá na escola. Com a primeira edição no final do segundo semestre de 2005 este evento encontra-se inserido no calendário da unidade escolar - sempre nesta mesma época do ano - e justificado no projeto político-pedagógico da escola, que por sua vez, apóia-se na proposta global da Secretaria Municipal de Educação da cidade, qual seja, a do trabalho com produção textual e leitura.

Procurarei neste momento trazer indícios de como significam, professores, funcionários e pais de alunos (apresentados ao leitor na introdução deste trabalho) a Feira de Literatura desta escola, a partir de suas falas, aqui transcritas.

Para tanto, me valho de algumas informações que julgo significativas para a compreensão de algumas relações interpessoais - algumas explícitas, outras veladas – instauradas e naturalizadas na Secretaria Municipal de Educação de Indaiatuba nas diversas instâncias que a compõe e que poderão ser refletidas nas ações, nas falas e valores de seus agentes.

Os únicos cargos no âmbito pedagógico cujo ingresso é via concurso público são os de Professor e Professor Substituto - afora os de demais funcionários que trabalham na escola - ou seja, os cargos de Coordenação e Direção Escolar, bem como os de Supervisão Escolar, Orientação Pedagógica, Direção de Departamento são ocupados via indicação; são os chamados Cargos de Confiança. O ingresso em um cargo qualquer na prefeitura de Indaiatuba é acompanhado por um Estágio Probatório com duração de três anos. Ainda, o cargo de Secretário de Educação vem sendo ocupado há mais de 12 anos consecutivos pela mesma pessoa.

A Feira de Literatura vem para atender a mais um dos projetos acerca da língua materna indicado pela Secretaria Municipal de Educação de acordo com a diretora da escola quando inquirida a respeito do surgimento da Feira e das razões que a mantinha inserida no Projeto Político Pedagógico da escola:

*"A feira acontece de acordo com os projetos da rede, o próprio trabalho da rede voltado para texto, literatura em si é intensificar esse trabalho com livros e gêneros literários já dentro da proposta pedagógica mesmo (da rede municipal de ensino) que já te indica isso...É um trabalho de um ano todo que vai resultar num produto final que é a feira(...) o trabalho da rede é mesmo com a literatura com o texto, isso faz com que mantenha e incentive, faz com que as crianças passem a criar mais porque a base mesmo é essa né, o trabalho com a produção com o texto." (D.E.)*

Cada série, segundo a Proposta Global de Ensino da municipalidade, tem um gênero e um suporte literário a ser priorizado no planejamento pedagógico no decorrer das atividades em sala de aula.

Assim, os professores organizam-se entorno deste tema já trabalhado ao longo do ano letivo e elegem um deles para ser desenvolvido e que servirá de apoio para a produção final das crianças em formato de livro, e em algumas vezes em dança e/ou peça teatral, montadas pelos professores e encenadas pelas crianças, a exemplo do que coloca uma das professoras da escola:

"... *A gente tem que desenvolver um projeto, né. Como a gente já ta trabalhando o ano todo com isso fazer lendas, conto com eles, pedi pra eles trazerem de casa, ver com a avó algum conto, alguma lenda que a gente não conheça..." (P.F.)*

"*...O ano passado eles (os alunos) gostaram muito porque a gente fez as lendas onde eu era a escriba e eles iam contando as lendas e nós montamos o livrinho e eles amaram fazer o livrinho e eles queriam ter todas as lendas, todas as que conheciam, mas teve umas que não deu tempo..." (P.P.)*

A Feira de Literatura é tida como um evento que corrobora para a formação de sujeitos leitores e escritores, não ficando a leitura e a escrita reduzidas a uma atividade cognitiva:

*"...Ah, eu acho que ler é tudo, né. Eles melhoram a ortografia, eles melhoram o raciocínio, vai melhorando o vocabulário, então eu acho que ajuda bastante. O ato da imaginação, a imaginação pode tudo. No livro é real a história que está ali?Muitas vezes não. É fruto da imaginação do*

*escritor: ele criou um personagem, trabalhou em cima do personagem e criou uma história. Então você também pode fazer isso"(P.F.)*

E que para questões de alfabetização e letramento:

*"...Faz bastante diferença a construção do livro, principalmente quando você é a escriba porque até então ele não tinha percebido que você pode escrever a mesma coisa que você fala (...) eu acho que a leitura pra eles é uma forma de ele criar, do imaginário dele aguçar ainda mais. A história acho que direciona e estrutura um pouco o pensamento dele porque tem uma seqüência de acontecimentos, de fatos, quer dizer, de começo, meio e fim."(P.P)*

## A Biblioteca Escolar: Os bastidores da Feira de Literatura

No ano de 2003 a escola recebeu como doação o acervo literário da Associação Comunitária do Helvetia que se uniu à pequena quantidade de livros que a escola possuía. Desde então a biblioteca da escola passou a ocupar além do espaço físico o espaço de disciplina ao lado das de Base Comum no horário das salas de aula...o espaço do acontecer da e na biblioteca.

*"O Projeto Biblioteca vem pra dar mais ênfase a essa questão da literatura porque a base do trabalho mesmo é o texto. Você tem que incentivar a criança a gostar de ler, inserindo o Projeto Biblioteca e culminando com a feira que é a produção própria deles, né. Esse projeto é anterior à feira, desde o começo com os livros, o trabalho de levar o livro pra casa, pra tomar esse gosto. Não seria assim, cobrar o livro pra ser cobrada depois a leitura. É simplesmente despertar o prazer pela leitura, o gosto pela leitura. Não ter aquela cobrança como a gente tinha anteriormente. Você lia, tinha que responder um questionário, responder perguntas. Não, não seria esse o objetivo, que é despertar o prazer pela leitura pra ajudar depois na escrita."(D.E.)*

Na construção deste projeto demanda no tempo do acontecer, o tempo de sua organização da biblioteca e naturalização no cotidiano da escola por todos os envolvidos. A função de organizar os livros e a visita dos alunos à biblioteca foi delegada às inspetoras de aluno da escola pela dificuldade por parte do corpo docente de conciliar o tempo das atividades que estavam em andamento em sala de aula com a ida à biblioteca e ainda manter a organização dos livros. Assim, as inspetoras de alunos também agregam às suas funções, a de bibliotecárias da escola, que vai desde a catalogação dos livros até o controle de retirada e devolução dos mesmos.

Uma vez por semana os alunos de cada sala de aula vão em pequenos grupos à biblioteca – *" pequenos grupos pra você ter mais qualidade, para eles terem mais espaço e para você poder dar mais atenção"(I.A.)* - em companhia das inspetoras para fazerem a escolha dos livros, renovando ou escolhendo novos títulos. Cada classe tem cinqüenta minutos (tempo de uma aula) para utilizarem a biblioteca.

Os livros então foram separados com base na faixa etária – literatura infantil, infanto-juvenil e adulto e ainda aqueles que serviriam para pesquisa dos professores – encapados e sinalizados com fita coloridas que indicam a qual das categorias cada um deles pertence. Mas ainda assim... "*eles (os alunos) podem pegar(qualquer livro) porque a criança tem o direito de querer um livro mais grosso, com mais letrinhas, de adulto, mas eles geralmente preferem o que eles já sabem que está destinado pra eles, que eles gostam mais, tem mais coisas pra eles."(I.A.)*

E as crianças parecem ter se apropriado desta prática de serem freqüentadores da biblioteca de acordo com a postura que vêm assumindo no decorrer dos anos de vigência deste projeto, bem como ao longo do próprio ano letivo.

*"Tem criança que já faz, tem esse hábito há quatro anos, né, desde o pré ou da primeira série, eles estão agora na quarta, é muito bom, porque eles procuram alguns livros que um amigo leu, que ele gostou, ou mesmo que uma professora leu e eles querem levar pra casa pra mostrar pro pai, pra mãe, pro irmão ou mesmo ele de novo, então ele se relaciona assim (...)Tem os que*

*são mais agitados, mais danados, que às vezes já chegou criança na biblioteca e falar 'eu não quero, porque não tem', eu falo 'Ah, você não é obrigada a ler, o bom é que a escola ta oferecendo mas você não é obrigada', mas aí a gente sugere 'mas o que você gosta?Então a gente ta sempre incentivando, eles têm liberdade (de não levar o livro) mas a gente dá opinião"(I.A.)*

*"...tem a Renata que é muito interessante porque ela pega livro pra ler e depois ela conta pra sala de aula o livro que leu, ela ama leitura, ela gosta, ela quer contar, ela quer saber, e assim, a gente ta trabalhando desde o começo do ano e ouvi-la falar assim ' ah, professora pede pra Fátima guardar esse livro pra mim que eu quero terminar de ler' ou ' reserva pra mm tal livro', eu acho que marcou demais..."(P.P.)*

E o mesmo ocorre com os professores...

*"...Tem dia que eu faço a leitura na entrada, né, como um aconchego da entrada, um livro que eu escolho ou muitas vezes eles trazem o livro de casa pra que eu leia, também no final da aula quando eles voltam do intervalo agitados, sentar com eles de vez em quando na roda, às vezes sentam na cadeirinha mesmo e eu conto história e depois eu passo o livro pra eles estarem vendo."(P.P.)*

No entanto, simultâneas a essas falas estão as seguintes, (re)produzidas pelos mesmos locutores:

*"A maioria gosta de levar o livro. Tem alguns que você percebe que o livro só vai pra bolsa, vai pra casa e volta, que a mãe em casa não tem interesse de ler, nada disso, e eles não tem ainda, esses que levam por levar, eles acabam pegando livros que não tem nada a ver com a leitura deles, por exemplo, um livro muito grosso ou um livro que não seja pertinente à idade, agora o pessoalzinho que a mãe já lê em casa você percebe que eles pegam livro mais ou menos direcionado praquilo que ele gosta, é mais ou menos o mesmo tipo de leitura." (P.P)*

*"(Você já vinha trabalhando algumas lendas pra eles confeccionarem os livros?-eu pergunto.) Não, na verdade as lendas é bom porque eles já tem contato com as lendas, quer dizer, no cotidiano já sabem as histórias do lobisomem, da mula sema cabeça, porque é uma coisa que todo mundo conhece" (P.P)*

*“É lógico que aqueles que não tem muito estímulo da leitura, ele não vê o livro como uma coisa boa eles acabam não prestando atenção, não tem significatibilidade para ele. Porque o que acontece: ele leva o livro, ninguém lê, quer dizer, ele fica perdido. É aquela cosia, tem alguns na minha sala, deve ter uns três, quatro, que o livro não significa nada para eles”(P.P.)*

*“Essa leitura a gente já procura fazer com que eles prestem atenção na pausa, na pontuação, na entonação, quando tem um diálogo, quando tem um personagem, quando essa leitura ta acontecendo na primeira pessoa, quando fala ‘eu’, quando fala ‘nós fomos’, então a gente já procura dar uma trabalhadinha na gramática, no texto.” (P.F.)*

Alguns questionamentos, até então velados, ou quem sabe inexistentes aparecerão na fala desta professora substituta da escola, que além de professora é também mãe de aluno.

*“A maior dificuldade que eu sinto é de ficar com o trabalho picado, que cada dia você está numa sala então quando você ta há mais tempo, a partir da leitura eu consigo amarrar mais o trabalho. Mas quando eu trabalhei no começo né, a gente fazia o dia da leitura, por exemplo, então toda sexta ou toda a segunda, a gente escolhia o dia na semana onde eu pegava os livros da biblioteca, deixava eles expostos na sala e daí eles iam pegando os livros e lendo por um tempo, daí depois ou a gente fazia ficha de leitura, ou algum aluno contava o livro que leu.”(P.M.A.)*

Pergunto a ela como ela acredita que deveria ser o espaço da leitura no cotidiano da sala de aula, o que ela consideraria um bom trabalho ... e ela responde:

*“Eu penso que tem que ser uma coisa espontânea da criança, mais espontânea da criança. Porque assim, quando eu trabalhava com fichas de leitura é legal, mas acaba sendo uma coisa forçada, né, porque aí fica assim ‘ai eu preciso ler porque eu preciso registrar’.Eu percebo muito a questão de ficar focalizado na questão da interpretação de texto ‘ eu leio pra interpretar’ ou ‘eu leio, ou eu escrevo pra fazer um livrinho no final. Como na Feira de Literatura: ninguém sai do básico de ‘vamos ler muitas histórias e eles vão recontar muitas histórias e fazer vários livrinhos’. Então toda feira de literatura é isso. Você não tem um recital, você não tem outras coisas diferentes, você não tem uma peça que sejam as crianças que elaborem. Porque o professor elaborar é uma coisa, agora a criança ler o livro, ou uma poesia e daí ele montar, é outra coisa. Então assim, você só tem*

*um monte de livro...aí você tem um monte de Chapeuzinho Vermelho. E são as mesmas leituras, né."(P.M.A.)*

E que ela não acredita *"naquela história de acabou de fazer lição vai ler. Mas por que o professor faz isso? Pra eles ficarem quietos. O foco acaba não sendo o despertar do prazer para a leitura, é pro aluno ficar quieto. Acho que precisa diversificar mais, assim, as leituras...o tipo de leitura mesmo, o tipo de livro; leitura em que as crianças tenham que ler nas entrelinhas também."(P.M.A.)*

"E mesmo sendo essa a visão sobre a Feira de Literatura você acha que tem alguma contribuição?", eu pergunto a ela.

*"Ah, contribuir com certeza vai, né. Sempre. Mas a coisa fica muito didática. Então não sei até que ponto essa criança vai usufruir do prazer da leitura. Porque ele ouve a história, presta atenção porque vai ter que reescrever porque ele sabe que tem que fazer um livro, porque tem que ser exposto um livro. Então até que ponto a leitura é feita porque ele gosta de ler e não simplesmente porque ele vá fazer algum trabalho?Mas (pausa) acho que pessoalmente contribui bastante".(P.M.A.)*

Pergunto-lhe como seus filhos significam a Feira de Literatura...

*"Não sei (ela ri). Eu não sei se é apenas mais um trabalho que tem a cumprir (pausa) porque pelo o que ele me disse foi um pouco isso 'você vai TER que me ajudar porque eu vou TER que fazer poesia'. Mas é uma coisa que eu já fiquei pensando...qual é o significado até pra comunidade, o que é uma feira de literatura? O que é uma feira de ciências? De que forma a comunidade participa disso? Os professores se queixam ' ah, eles vêm mas eles não olham'...mas será que eles sabem o que eles têm que fazer aqui?"(P.M.A.)*

Será que eles sabem o que têm que fazer aqui? Como a comunidade participa desta Feira, e da vida mesmo de seus filhos e filhas, alunos da escola como leitores?

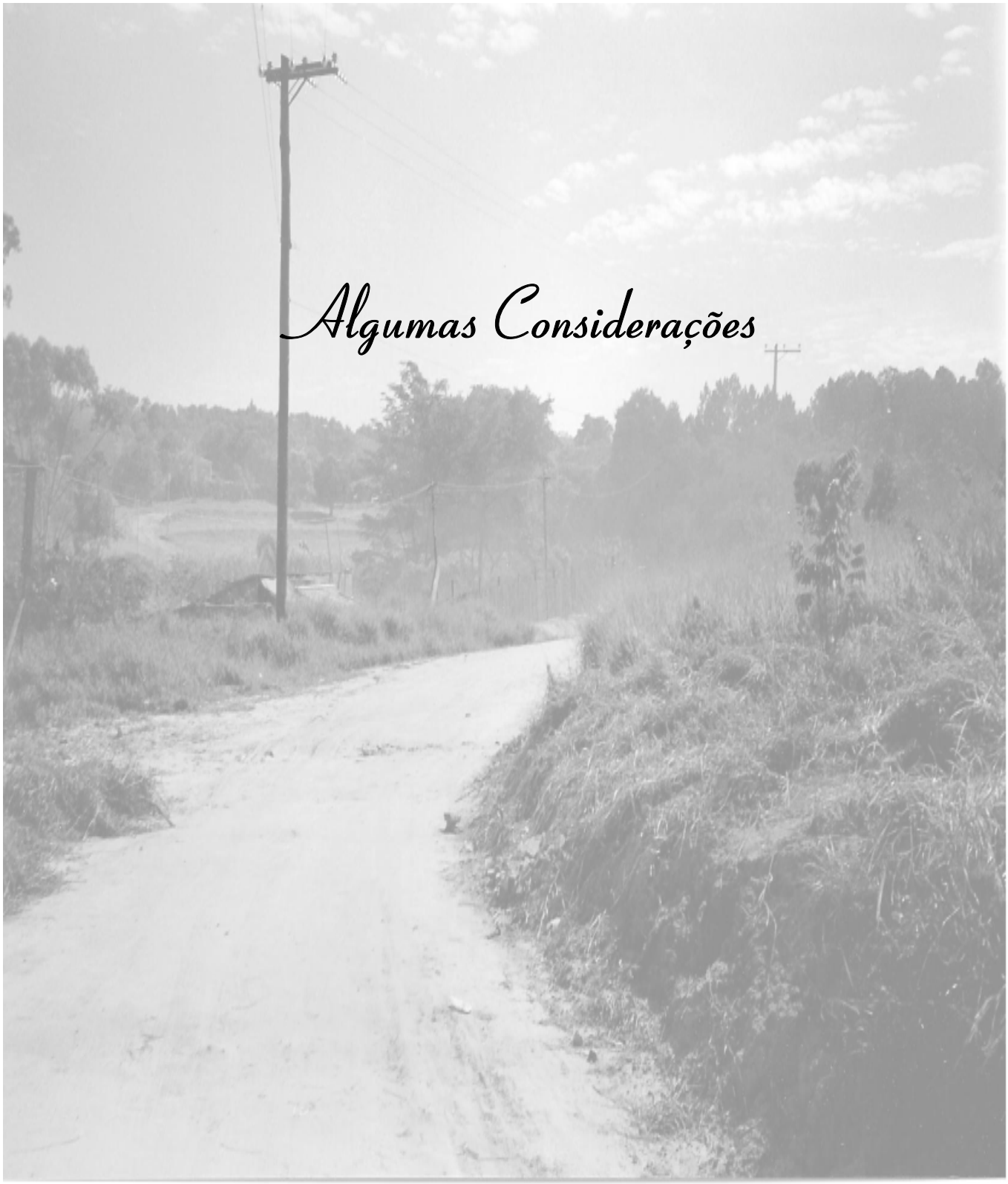
*"Ah, acho que nessa parte eu nunca participei não. Ah, eu participo só contribuindo pra que o Paulo e os outros leiam os livrinhos que levam pra casa, né. Mas assim, particularmente participar, não".(P.M.A.)*

*"Ás vezes eu participo, tem vezes que não, né. Tem vezes quando eu tenho alguma coisa eu mano, eu quando eu não tenho ... não posso mandar né". (M.A.1)*

Uma vez prontas as produções das crianças, os trabalhos são expostos pela escola - pátio, corredor, salas de aula – e a comunidade convidada a participar – pais, irmãos, tios, avós, amigos – e ainda que não se façam presentes fisicamente, a Feira (e as práticas de leitura em si), se estende às ruas, ao bairro, aos lares, e ecoa nas representações dos seus envolvidos, nas suas projeções, como promessas de um vir a ser...

*"(Ele) Lê bastante.(...)Os livrinhos que leva da escola, aquela revistinha Recreio, gibi, e mais um monte de coisa. Ontem mesmo eu cheguei em casa já tava com um monte de livrinhos que ela (a irmã) leu pra ele dormir, e ele adora, né. Ele gosta de ler, bastante. Depois que come ou até da biblioteca aqui, ele chega em casa, já cata o livrinho e já lê tudinho, é um amorzinho. (...)Lê jornal, aquela parte do Estadão, aquelas coisas lá, ele preenche tudo, ama fazer Cocktail, né, e isso é legal porque desenvolve a leitura e desenvolve o conhecimento...só ficar em rua, computador; não fica só na lição de casa da escola, né, ler também alguma coisa."(M.A.2)*

*"...Ah, eu fico assistindo eles lendo, né, porque eu não sei ler, não sei escrever. Eu fico lá olhando eles lerem pra mim. Eu acho legal e falo 'Ó que lindo', eles fica todo, todo, aí quando eles acaba de ler eu bato palmo pra eles e eles ficam todos contente.(...)É importante, né, porque a gente vê os filhos da gente lendo tudo. É uma coisa mais bonita, né, porque a gente ta sabendo que eles tão se desenvolvendo ali, ta sabendo ler tudo. É importante porque eles tão aprendendo a ler, ta aprendendo a escrever e não fica na rua aprendendo o que não deve. Ficar na escola tão aprendendo, né, porque mais pra frente vai ter o futuro deles, né ... não é verdade?"(M.A.1)*



# Algumas Considerações

Talvez não seria, o leitor, tomado de qualquer estranhamento ao ler como título deste capítulo *Considerações Finais.* No entanto, desconforto é a palavra que usaria para descrever a sensação que tive após ter escrito *Considerações Finais* no topo desta página. Por quê? Porque não acredito que pudesse haver uma última palavra a ser dita ou escrita acerca da realidade trazida, em parte, neste trabalho, e na verdade de qualquer outra realidade que nos propuséssemos a descrever. Já que não existe um começo e um fim; as várias histórias simplesmente se confluem. As pessoas e os fatos estão existindo neste momento e reiventando-se a cada instante. Assim, não haveria um "o quê" a ser considerado como final. Bom, talvez o adjetivo coubesse como quem diz, Último Capítulo...não sei. De qualquer forma, o *Algumas Considerações* me soou mais adequado, quiçá mais respeitoso, para com aqueles e 'aquilos' que aqui estão.

Porque contar sobre a Feira de Literatura desta escola é contar sobre a escola, sobre as pessoas que nela circula, sobre a comunidade e assim por diante. Desta maneira o que percebi foi o acontecer de vários aspectos simultaneamente - julgados sob meu crivo como positivos e negativos - acerca das práticas de leitura desta escola, e perceber que os indivíduos adquiriram ambos, os positivos e os negativos, simultaneamente e não intencionalmente. As pessoas simplesmente são. E são a partir de sua história de vida, do passado e do presente. Não pretendo com isso exaltar ou culpabilizar, nem tão pouco legitimar ou justificar a inércia, mas sim compreender para que possa haver a ação.

Perguntas e hipóteses surgem ao longo do trabalho de investigação, algumas delas no entanto, permanecerão como tais, como não houvesse tempo hábil para que pudessem ser encontradas as respostas que me satisfizessem. Portanto, compartilho consigo algumas inquietações que me moveriam a prosseguir num possível posteriormente.

Os profissionais que didatizam o processo de construção da Feira de Literatura e das práticas de leitura do cotidiano escolar o fazem ocupando um certo lugar social num tempo social. Vemos que ainda que exista o discurso de ter na prática de leitura algo prazeroso para si e para o aluno, estas mesmas práticas não escapam do prescricional *como deve ser feito* e do *tempo em que deve ser*

*feito;* como a professora que trabalha questões gramaticais durante a leitura de um livro e da diretora que institui a disciplinarizaçao da hora da biblioteca - por que a freqüência à biblioteca tem de ser num dado dia da semana e por um período definido?

Vemos que ao mesmo tempo em que a leitura acontece como *"um aconchego da hora de entrada"* acredita-se que para algumas crianças *"o livro não significa nada".*

Ao longo da coleta dos depoimentos aqui presentes, é sinalizado que o suporte da prática da leitura nesta escola que viabiliza a existência e provê de significado a feira literária é o Projeto Biblioteca, que gradativamente é apropriado por crianças e adultos no interior da escola.

É colocado explicitamente por uma mãe de aluno que também é professora na escola que tanto a Feira de Literatura quanto as Práticas de leitura diluídas no cotidiano da sala de aula e fora dela poderiam e deveriam ser diferentes, que a criança *"deveria ter a liberdade para falar 'eu quero falar de conto, eu quero falar de fábula, eu quero falar de poesia'"* e não dizer a ela *"o que ela precisa ler".*

Se nos atentarmos para o depoimento destas pessoas veremos que as práticas e opiniões semelhantes hoje coincidem com as suas trajetórias no mundo da leitura. A maior parte busca a referência de leitura na sua vida escolar...

*"Pra falar a verdade eu não gostava de ler (...) não fazia parte do meu mundo(...) o professor pedia pra ler essa série que para mim não tinha aquela coisa assim. Eu lia pra registrar o que ele mandou , não porque gostava(...) Eu acho que foi pouco estimulado."(P.P.)*

A professora que apresentou uma postura mais questionadora pôde viver a leitura no âmbito familiar ...

*"...quando eu penso na prática de leitura eu penso no meu pai que é a figura de exemplo (...) uma estante cheia de livros. O meu pai trabalhava na biblioteca municipal e depois ele começou a restaurar livros, então quer dizer, sempre tinha livro em casa(...) foi uma coisa muito natural..."(P.M.A.)*

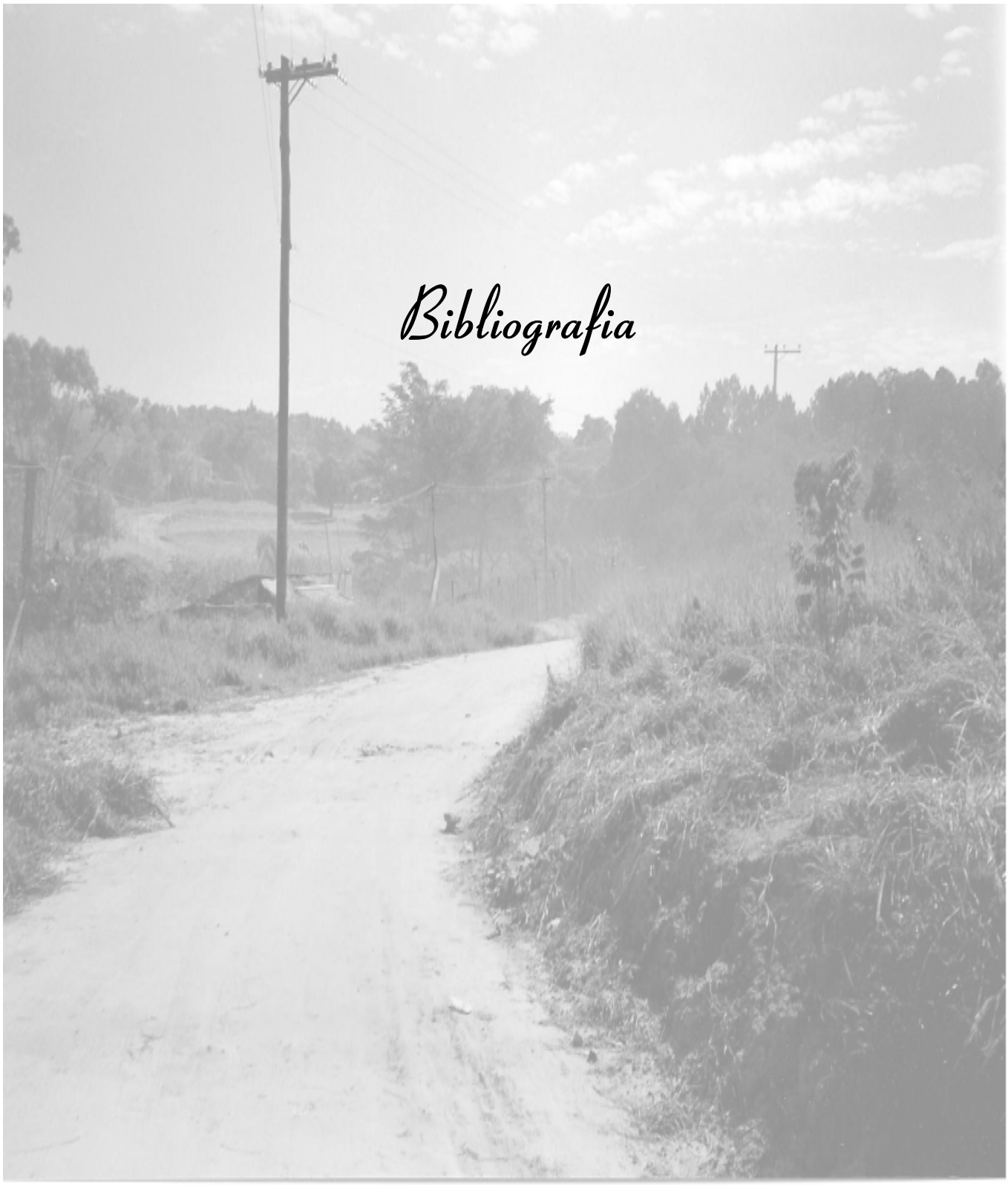
Ao mesmo tempo nos é sugerido que os pais dos alunos vêm resignificando sua história dentro de um mundo letrado a partir da vivência que os filhos têm tido na escola, ainda que sua participação seja indireta, ainda que seja mediada pelos hábitos de seus filhos. E a escola vem como uma possibilidade de um futuro que pode oferecer aos seus filhos maiores chances de inserção numa cultura que parece não lhes pertencer.

*"Ah, meu pai trabalhava assim, né Marina, em corte de cana, ni roça, ni tudo, né. Minha mãe. E eu sempre. (silêncio) meu pai morreu com 40 anos e minha mãe ficou com as crianças tudinho. E eu trabalhava...em cana, limpando, pra ajudar minha mãe cuidar dos meus irmãos. Aí eu peguei, e não deu pra mim trabalhar, eu aí peguei e fui trabalhar em casa de família cuidando de criança."(M.A.1)*

Assim, concordo com a professora que diz que certamente sempre haverá contribuições quaisquer que sejam as práticas de leitura que acontecem no interior da escola e fora dela, independente de as julgarmos como ideais ou o contrário disso.

Aquele que lê é aquele que cria e concretiza sua criação por meio da escrita, ainda que sob a pena de ter suas palavras expropriadas de si, de ver que aquilo que criou metamorfosear-se-á sob os novos significados que lhe serão insurgidos, porquanto tão logo sua criação vire texto passará a pertencer a tantos quantos se beneficiem de sua leitura.

Porque acredito que ainda que se desejem impor-lhe formas e fôrmas nas pontas dos dedos e na ponta da língua, ainda assim haverá as lacunas, as vírgulas e os silêncios como possibilidade para o ato da criação manifestar-se por parte do sujeito leitor.



# Bibliografia

- ARIÉS, P..*Prefácio* in *História Social da Criança e da Família.*., Zahar Editores, R.J., 1981.

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.* Ed. Vozes.*5ª Edição. Petrópolis.2000.*

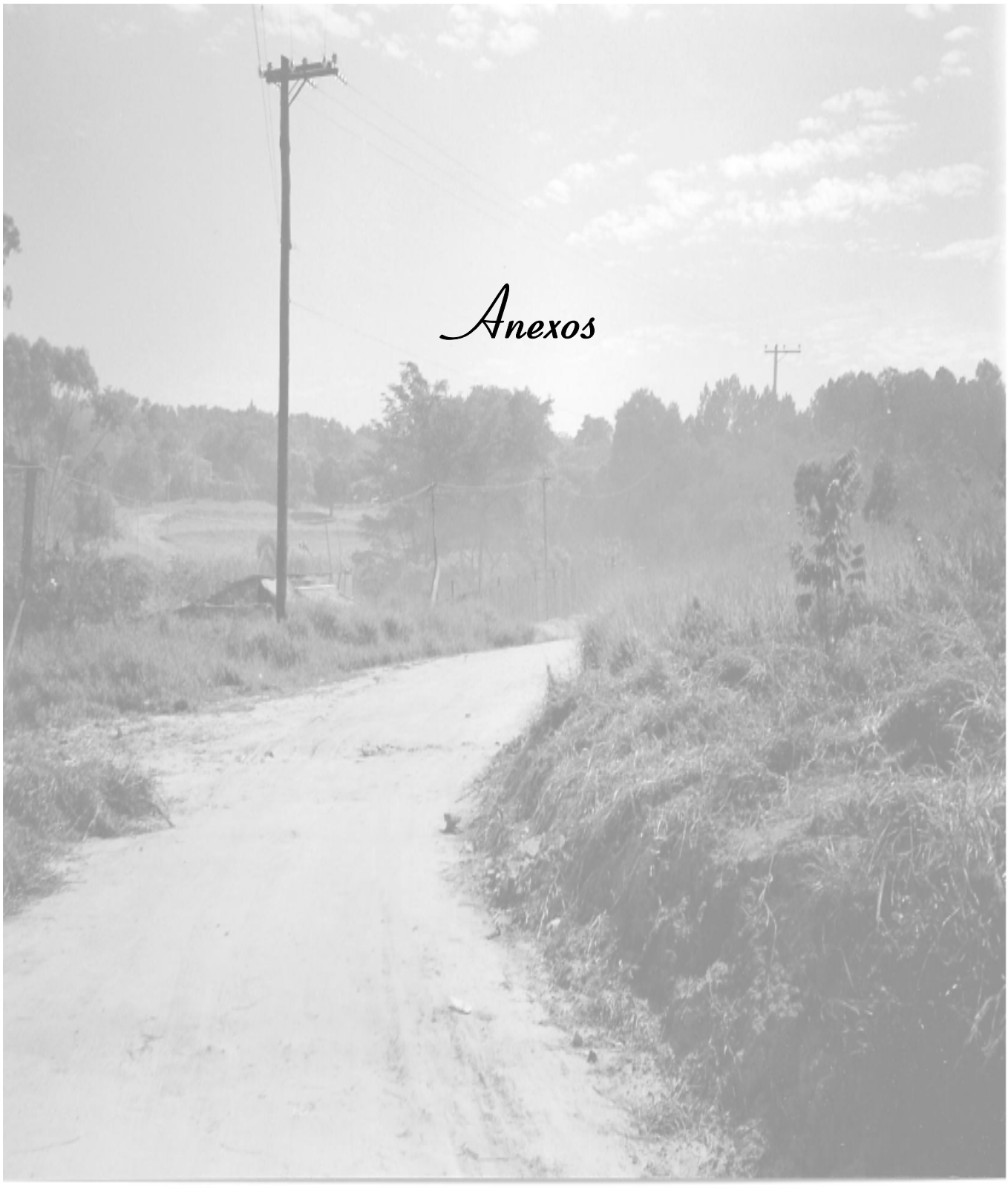
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves Delgado. *História Oral, Memória, Tempo, Identidade.* Ed. Autêntica. Belo Horizonte.2006

- FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia Não.* Ed. Olho Dágua. 4ª Edição. São Paulo. 1994.

- PINTO, Ana Lúcia Guedes Pinto. *A vivência da prática de leitura como possibilidade para outros horizontes em trabalho envolvendo populações em situação de risco.* In. Educação Não Formal: Cenários de Criação. Org.Fernandes, Renata; Park, Margaret. Ed. UNICAMP.

- SIMSON, Olga Rodrigues Von. *Brancos e Negros no Carnaval Popular Paulistano:1914-1988.* São Paulo: [s.n.], 1989

- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola.* 11ª Edição. São Paulo, 2003. Ed Global.



# Anexos

# Entrevistas

As perguntas estão precedidas pela inicial do meu nome (**M**) para facilitar o entendimento do leitor.

**P.F.**

*(A professora chegou apressada, sentou-se e começou a falar sem esperar que eu desse inicio à entrevista. Começou falando que desenvolvia projeto de leitura nas duas escolas em que trabalhava, uma na rede estadual na cidade de Campinas e a outra nesta U.E. em Indaiatuba)*

P-Eu desenvolvo esse projeto de leitura nas duas escolas, aqui e na estadual, na estadual foi mais do que aqui. Depende muito da sala de aula que você tem, da clientela que você tem. Então lá em Campinas eu consegui desenvolver um trabalho bem bom, lá a criançada se interessa bem mais, além do livro da sala de aula eles vão na biblioteca pegar, não que nem aqui que a gente tem um dia, né. É um trabalho diferenciado e eu vejo que la, apesar de ser a mesma situação que eles vivem, lá eu consigo resultado melhor do que aqui, só que aqui é uma terceira e lá é uma quarta né. Mas o trabalho e mais ou menos parecido né.

M - Essa diferença pode ser por que motivo?
P- Eu acho que e mais da clientela mesmo né, da criançada, porque se a criançada já sabe ler, tem a família que orienta. Depende da família mesmo né, se a mãe auxilia, os pais ajudam, acho que já é criado numa família de leitor, um nível mais ou menos... tem a ver com a cultura né.

M - E você acha que e o perfil econômico e social dos alunos daqui é o mesmo dos de lá?
P - Sim, é o mesmo, é mais ou menos igual.

M - Há quanto tempo você leciona?
P - Há vinte anos.

M - E na sua trajetória, como é que você vem inserindo a leitura na sala de aula, quais os espaços e os momentos que ela acontece?
No começo do ano a gente começa com a leitura compartilhada, que agora é leitura em voz alta feita pelo professor. Ai a gente começa, assim, no decorrer do ano a gente vai trabalhando vários tipos de textos pra criança conhecer. A poesia, contos, fábula, e quadrinhas, receita, tudo, texto informativo, e a gente procura trabalhar na leitura em voz alta pra eles conhecerem. E mesmo esse leitura a gente procura fazer com que eles prestem atenção na pausa, na pontuação, na entonação, quando tem um diálogo, quando tem um personagem, quando essa leitura ta acontecendo no personagem em primeira pessoa, quando fala eu, quando fala nós fomos, então a gente já procura já dar uma trabalhadinha na gramática, no texto, isso pra iniciar né. Daí eles têm acesso à biblioteca, eles têm um livro pra ficar uma semana. Isso é igual nas duas escolas. Eles têm uma semana pra estar lendo o livro, depois eles trocam o livro. Aqui são os da escola. Na outra escola são os meus. Eu tenho .... a editora mandava muito aqueles livrinhos, sabe, de contos, bem diversificado. Aí eu ponho esses livrinhos, eles escolhem esses livros, levam, aí anotam, pra ter um controle pra saber se a criançada ta lendo mesmo, tem vezes que eles levam e não devolvem, peço pra eles marcarem ‘idem’ pra saber se eles continuam lendo ou se pegaram outro livro. Aí eles têm uma hora de aula por dia; eu falo que leitura não é aula é matéria, então eles têm a matéria leitura. Então é uma aula de leitura, tanto que na pauta ta lá ‘leitura’ e depois português eu tenho como uma outra matéria, aí tem redação. E com o passar do tempo que eles acostumam com a leitura, com a entonação eles podem fazer uma dramatização, eu já fiz, eles escolheram um textinho pra trabalhar em sala de aula, alguma coisa assim interpretação, alguma coisa assim que seja interessante e eles vêm dramatizar esse texto; cada um tem um personagem, fazer um cenário improvisado pra aproveitar e trabalhar a leitura em sala de aula. Aí com o passar do tempo que eles foram se acostumando aí eles têm a hora de eles fazerem a leitura em voz alta, aí eu paro e eles que vão fazer, então cada dia é um, pra todos terem a oportunidade de estar lendo, eles têm a semana inteira pra estarem treinando a leitura em voz alta em casa, aí lê, como a gente faz, com entonação, sabendo posicionar pra gente poder marcar o texto pra gente entender o que leu; já ler com uma entonação mais alta pra que o aluno ouça o que eles estão lendo, tem uns que são tímidos.
Aí da feira né, você quer saber?

M - Sim, e enquanto você falava, eu tava pensando, eles trazem livro de casa também ou são todos da escola?
P - É, esse é o momento da leitura né. Eu deixo num cantinho, são os meus mesmo. Aqui eles pegam os da escola, lá além dos que eu levo eles também vão à biblioteca pegar. No começo, pra aumentar o acervo da sala de aula eles traziam os deles, mas aí a gente ficou preocupada com o cuidado, que podem estar rasgando, destruindo, aí a responsabilidade acaba sendo da gente. Então eu falo, o livro que você pegou na última semana, se ele é muito grosso e você acha que não vai dar conta em casa você traz na bolsa, aí terminou uma lição, terminou

uma atividade, aí vai lá lê um capítulo, o que você consegue estar lendo pra adiantar sua leitura, e na hora que eles escolhem o livrinho eles têm, uma aula pra estar lendo, pra fazer a leitura silenciosa e eu também faço uma leitura pra mim, um livrinho ou uma leitura que eu vou fazer pra eles em voz alta eu já leio antes pra eu estar sabendo o que vai acontecer; já leio também conhecendo a história pra ler com entonação, mais alto pra dar uma chamada de atenção. E eles podem estar fazendo ficha de leitura também; livrinhos didáticos, se eu acho uma história interessante recorto e monto uma fichinha e deixo lá pra eles estarem lendo. Então termina uma atividade vai lá pega um livrinho faz a ficha de leitura e fazendo isso a criançada tem gostado, tanto aqui como lá. Tanto no dia que a gente lê, eles vão lá e pedem pra Fátima e lá o livro que eu leio eles querem ler. E uma coisa que eles podem participar da história: “O que vocês acham que ele fez agora?”. “Aonde vocês acham que ele vai?”. Tudo isso que a gente tem aprendido na prefeitura a gente procura pôr em prática

M - E o preparativo pra feira de literatura, como é que é?
P - Então, a gente tem que desenvolver um projeto. Como a gente já ta trabalhando o ano todo com isso, né, a gente vai nesse primeiro momento aqui, eu vou fazer lendas, contos com eles. Eu vou pedir pra eles trazerem de casa. Eu to montando em sala de aula, lendo, vou pedir pra eles, vou não, já pedi pra eles verem com a avó algum conto, alguma lenda que a gente não conheça, não vale ser do Saci, do Boi Tatá, essas que a gente conta pra vocês não valem, tem que ser uma lenda diferente  daí eles vão escrever, transcrever, fazer a reescrita, aí a gente vai montar o livrinho e depois, eu vou tentar fazer um de poesia, vou pedir pra eles fazerem um livrinho de poesia, parlenda, eu tenho uma folhinha aqui pra eles estarem lendo; então eu vou tentar trabalhar poesia com eles; e a rima que eu acho mais fácil.

M - E a escolha da historia, como é feita? A criança escolhe, a classe?
P - A criança vai escolher. Se eu gosto de falar de amor,  eu gosto de falar da natureza, eu gosto de falar da família. Você pode fazer poesia de qualquer coisa, né, de um objeto, de um sentimento. Então vou dar um livrinho de poesia pra eles e ver se flui alguma coisa deles.

M - E o seu envolvimento com a leitura, tanto no profissional como no pessoal, como ele vem acontecendo?
P – Olha, eu tenho muito pouco tempo pra ler, eu pratico muito em sala de aula. Assim, mas não sobra muito tempo pros livros mesmo de literatura. Então eu leio, pratico na sala de aula com eles. Eu gosto muito de ler, eu gosto muito de contar histórias. Ah, tem um curso de contador de histórias, mas não dá o horário. Mas eu gosto muito de ler. Eu tenho experiência comigo e tenho experiência com meus filhos né. A professora deu um livro e ela leu o livro ela não gostou da história e ela teve que ler “mãe, eu já li uma vez e não entendi, eu já li de novo e não entendi, e eu to ganhando ponto negativo porque eu não entendi o livro”, aí ela disse “professora eu li mas eu não entendi anda, aí eu comecei a ler de novo” . então ao invés da professora incentivar a leitura, porque não é isso que deve

acontecer? Não, ela deu ponto negativo pra ela e disse que tinha que ler o mesmo livro. Então eu não faço isso com os meus aqui.
Então se eu percebo que o aluno ta dando uma enrolada falo assim “quer trocar o livro?”, porque a leitura tem que ser prazerosa, tem que ser uma que você gosta, não adianta pegar um livro lá e fingir que está lendo, você ta perdendo tempo, então eu dou a liberdade do aluno trocar.

M - Qual importância você dá pra esse envolvimento com a leitura, na escrita pra formação da criança?
P - Ah, eu acho que ler é tudo né. Eles melhoram a ortografia, eles melhoram o raciocínio pra poder estar numa produção textual, vai melhorando o vocabulário e eles vão melhorando assim, eles já têm outras maneiras de iniciar um texto, as diferentes formas que você pode iniciar um texto, então eu acho que ajuda bastante. O ato da imaginação, a imaginação pode tudo. No livro é real a história que está ali? Muitas vezes não. É fruto da imaginação do escritor: Ele criou um personagem, trabalhou em cima do personagem e criou uma história. Então você também pode fazer isso.

M - E na sua infância, como é que foi?
Então, eu sou filha de pais semi-analfabetos, minha mãe não fez...só sabe assinar o nome, né, e o meu pai também, só teve aí uns dois, três meses de aula, só. Mas eles eram muito inteligentes. Eu falo pros meus alunos assim ‘quanto é cinco vezes cinco mil?”ele na hora ele fazia, você lá na calculadora e ele já fazia o cálculo mental. Então eu não tive muito acesso à leitura em casa com meus pais, mesmo porque eu morava em sítio, eu não tinha televisão, não tinha recursos, né, eu tive uma infância muito pobre, então não ia dar livro né. O contato que eu tive com livro foi na escola. Eu fui alfabetizada com o Cenas Infantis, um livro, e era assim, falava de tudo um pouco, falava do 7 de Setembro, e tinha um pouco de lenda, eu tenho ele em casa, posso até trazer pra você ver. Aí eu queria tanto esse livro, ficava lembrando da história da Dona Baratinha, aí eu consegui esse livro, aí eu guardei ele. Aí quando eu olho esse livro, porque eu queria tanto esse livro que eu sabia até de cor e salteado as historias do livro. Aí, nossa, histórias que eu conheci na segunda série. Eu acho...que foi meu material de leitura. E o livro que a minha irmã ganhou que falava da Branca de Neve, nossa, acho que eu li umas 500 vezes aquele livro, que era bem colorido. Mas isso já na escola com sete, oito anos.

**D.E.**

*1º Momento*

Esta entrevista aconteceu em dois momentos devido a interrupções por conta das demandas do dia-a-dia escolar.

M- Há quanto tempo acontece a feira de literatura na escola?
A- Esse ano vai acontecer pela 3ª vez.

M- E ela surgiu como?A idéia?
Acho que é pra dar mais ênfase a essa questão da literatura, né. O projeto biblioteca, porque a base do trabalho mesmo é o texto. Você tem que incentivar a criança a gostar de ler, inserindo o projeto biblioteca e culminando com a feira que é produção própria deles, né.

M-O projeto biblioteca nasceu junto com a feira?
A- Não, esse projeto da biblioteca já é anterior. Desde o começo com os livros. Mas aí isso veio depois. O trabalho de levar o livro pra casa, pra tomar esse gosto. Não seria assim, cobrar o livro pra ser cobrada depois a leitura. É simplesmente despertar o prazer pela leitura, o gosto pela leitura. Não ter aquela cobrança como a gente tinha anteriormente. Você lia, tinha que responder um questionário, responder perguntas.Não, não seria esse o objetivo, que é despertar o prazer pela leitura pra ajudar depois na escrita, né. Aí depois disso surgiu a feira. Então o projeto da biblioteca sempre houve.

M- A escola nasceu em 2002, e então desde la acontece o projeto.
A- Sim. A escola antes não tinha livros, não tinha nada, mas aí nós recebemos os livros da biblioteca da Associação Comunitária; eles mandaram os livros deles pra cá e depois a gente começou com o projeto de levar o livro semanalmente.

M- Quais são as razões que mantêm inserida a feira de literatura no projeto pedagógico?
A- Porque eu acho que o trabalho mesmo da rede é mesmo com a literatura com o texto, isso faz com que mantenha e incentive, faz com que as crianças passem a criar mais porque a base mesmo é essa né. O trabalho com a produção com o texto.

M- E na tua opinião qual a importância da vivência por parte das crianças nesse acontecimento pelo o que você tem vivenciado nesses últimos dois anos?
A- Acho que é fundamental. Você percebe que hoje eles levam o livro pra casa com mais vontade, eles querem ler. O cuidado que eles têm. Antes, ah, levava o livro e lia e às vezes não. E agora não, eles gostam de criar o texto. Tem uma visão maior. Porque começa com o livro pequenininho e isso vai incentivando a cada vez mais, assim, acho que todo mundo começa com um gibi, com uma história pequenininha, com mais figura, então isso vai te trazer vontade de ler e de cada vez mais tendo outros tipos de literatura, né.

M- E você sente diferença na criança que já esta aqui há mais tempo, como ela começou, como ela está hoje.A intimidade que tem com o manuseio do livro e com a própria leitura?
A- Ah, a gente sente. Principalmente mais o pessoal que está ali direto, que recebe, que faz, os professores. Mas isso a gente sente deles, que eles passam a ter esse gosto mesmo, né, mais aflorado.

*2º Momento*

M- Gostaria de saber como nasceu a feira de Literatura.

A- De acordo com os projetos. O próprio trabalho da rede voltada pra texto e a literatura em si, que toda e escola, e nós também, fazemos essa feira de literatura. E intensificar esse trabalho com livros e gêneros literários já dentro da proposta pedagógica mesmo.

M- Mas o que eu observo é que nem todas as escolas trabalham com a feira de literatura, no máximo uma sala ou outra e assim mesmo é de um projeto diferente que acaba acontecendo a montagem dos livros. E aqui? Vocês compraram uma proposta da SEME ou foi alguém que "ah, e se a gente fizesse uma feira de literatura?".

A- Não, dentro da proposta mesmo, né, que já te indica isso né, esse trabalho com literatura, com vários gêneros literários, isso que levou ao surgimento da feira.

M- E a mesma coisa com o projeto de biblioteca?
A- Também

M- Você percebe se tem havido alguma mudança no formato da feira, à medida que ela vai acontecendo?
A- Não, acho que no geral não. Ela teve esse formato, a mesma idéia. Não vejo grandes mudanças.

M- Que tipo de trabalho as crianças desenvolvem pra feira?
A- Tem a confecção dos livros, eles escolhem ou poesia, os portadores que cada série tem pra ser trabalhado, poesia, receita, conto, parlendas. Então cada classe escolhe aquele gênero que quer trabalhar e desenvolve o livro, o texto. É um trabalho de um ano todo que vai resultar num produto final que é a feira.

M - Então o tema que vai ser trabalhado pela sala é um tema que já vem ao longo do ano e cada série já tem o seu estipulado?
A - Isso. Dentro da proposta pedagógica cada série tem determinados portadores de texto pra trabalhar.
A primeira série um, a segunda outro, e isso vai aumentando conforme a série. Alguns eles só conhecem, outros eles já trabalham. E o professor escolhe aquele que dentro da série em que ele trabalha e desenvolve um pra apresentar na feira, não que ele trabalhe só aquele portador o ano todo, ele vai trabalhar todos, mas vai escolher um pra apresentar na feira. A gente procura diversificar, a primeira série trabalhou contos, a segunda vai trabalhar receitas, a terceira vai

trabalhar...pra poder todo mundo conhecer um pouquinho de diferentes gêneros literários.

M- E o tema, cada sala escolhe um tema?
A- Não, não. É tema livre né. Quando você escolhe trabalhar com parlendas, geralmente elas já associam ao folclore, mas não fica nada determinado. Vai de acordo com o seu desenvolvimento dentro da proposta estipulada.

M- Você tem em mente novos projetos pra feira de literatura
A- Não sei. Assim, eu não consigo...Esse ano, por conta da feira de literatura da SEME, surgiu o livro virtual, que isso pra gente é novo. Então o formato não muda muito. Então o que a gente coloca também na apresentação da feira são teatros, que tem a ver com a literatura, né, a professora ta trabalhando uma história e transforma isso numa peça teatral. Então junto com a exposição dos livros acontecem as apresentações. Então já teve teatro, já teve dança. Então o que mudou esse ano, acho a gente vai puxar aqui pra nossa também, foi a questão do livro virtual, porque eles estão fazendo isso hoje, também no computador durante a aula de informática. Então isso seria uma coisa diferente pra ser apresentada, mas no geral ela não muda muito.

M- Como é esse projeto do livro virtual?
A- É confeccionar, criar sua história e passar isso pro computador. Então eles vão digitar, escanear os desenhos que foram ilustrados. Então a história vai estar sendo vista no computador. Dentro da parceria com a Oracle, então todas as outras escolas vão ter acesso também acessando esse ambiente e eles podem estar vendo os livros que foram confeccionados, né, os livros virtuais.

M- Então à medida que eles vão fazendo aqui ele vão colocando no site
A- Isso. Cada classe. Pra que todos possam estar vendo

**M.A. 1**

M- Você tem quantos filhos aqui na escola?
M.A. - Eu tenho dois. Ah, eu tenho dois.

M - E eles estão em que série?
M.A. - O José Claudecir tá na 3ª série e o José Valmir na 1ª...1ª série o que?

M – 1ª B. Você também tem um mais velho.
M.A. - Tem o Adriel que ele ta na 6ª série, ele estuda lá na Helvetia.

M - E ele já estudou aqui com a gente também?
M.A. - Ele estudou.

M - Ele fez toda, desde a 1ª?

M.A. - Ele fez toda a escola, desde a 1ª série até a 4ª, né.

M - O que eu queria saber de você, é se em casa, os seus meninos têm o hábito de ler, ou se tem algum momento em que eles se relacionam com a .
M.A. - Ele sabe ler bem, viu. Eles nunca, assim, de não ler. Eles lê revista, lê tudo.

M - E eles costumam levar livro daqui da escola?
M.A. - Levam

M - E esses livros eles também lêem?
M.A. - Eles ganha, e aí hoje era pro Valmir trazer, né, aí eu esqueci e já vim me lembrar, deixa pra levar segunda feira, mas tá lá em casa.

M - E fora esses livros que eles levam da escola, tem revista em casa, ou livros que sejam deles?
M.A. - Tem, eu comprei um esses dias pra eles.

M - E o que ele costuma ler?
M.A. - Ah, eles lê gibi, lê revista, lê jornal, lê tudo.

M – E Você? De que maneira você participa, se envolve com esse hábito que eles têm de ler?
M.A. - Ah, eu fico assistindo eles lendo né, porque eu não sei ler, não sei escrever. eu fico lá, olhando eles ler pra mim.

M- E você acha legal?
M.A. - Ah, eu acho legal, e falo “ó que lindo”, e eles fica todo, todo. Aí quando eles acaba de ler eu bato palmo pra eles e eles ficam todo contente.

M - E você acha que é importante?
M.A. - Ah, é importante né, porque a gente vê os filhos da gente lendo tudo, é uma coisa mais bonita né. Porque a gente vê eles lendo tudo, aí é bonito né, porque a gente tá sabendo que eles tá se ‘devolveno’ (desenvolvendo) ali. Tá sabendo ler tudo. E tem criança que as mães não participa de nada. Aí a gente vê eles lendo e é bonito né.

M-E quando tem a feira do livro aqui na escola, você participa?
M.A.-Às vezes eu participo Marina, tem vezes que não, né.

M- Eles chegam a fazer alguma coisa em casa?Você participa em casa?
M.A. - Participo. Tem vezes quando eu tenho alguma coisa eu mando, eu quando eu não tenho ... não posso mandar né.

M- Você, na tua história? Você teve algum contato com livros? Tem alguma coisa que tenha marcado?
M.A. – Não (pensativa).

M - Você chegou a freqüentar a escola?
M.A. – Ah, eu ‘tavo’, né Marina, aí na escola estudando né. Ai foi na época que o Adriel ficou doente ai começou a fazer o tratamento no Boldrini, né. Aí não deu pra mim vir mais porcauso que tinha que dar remédio. Ele dependia de mim pra tudo, né, porque tinha o horário dele tomar remédio, o horário dele não comer, tinha o horário dele comer, ali, aquela comida. Ai eu tinha que esperar passar a comida pra eu dar o remédio dele.e depois que tomasse esse remédio não podia tomar nem água né. Aí eu falei, não posso ir mais pra escola porcauso dele, né. Aí depois passava mal aé ligava pra mim e eu tinha que vim correndo, ai não participava. Fiquei dois meses estudando ai depois eu parei.

M - E esses dois meses foi a primeira vez que você freqüentou a escola?
M.A. – Foi.

M - Você já era adulta...
M.A. - Eu era já. Aí foi bem na época que fecharam aqui, né, ai não deu pra mim, aí passaram pra cidade, ai eu falei “não posso ir pra cidade” né, que pra chegar onze e meia da noite, quem que ia ficar com eles? Ninguém. O Zé Maria trabaiava e quem ficava com eles? Tinha que pegar ônibus seis horas, né. Falei não tem como, né.

M -Você sempre morou aqui em Indaiatuba?
M.A. - Morei. Faz onze anos que eu moro aqui em Indaiatuba.

M - E quando você era pequena, qual era a profissão de seus pais?
M.A. - Ah, meu pai trabalhava assim, né Marina, em corte de cana, ni roça, ni tudo, né, minha mãe, e eu sempre... .Meu pai morreu com 40 anos e minha mãe ficou com as crianças tudinho, e eu trabalhava (pausa) em cana, limpando, pra ajudar minha mãe cuidar dos meus irmãos. Ai eu peguei, e não deu pra mim trabalhar, eu ai peguei e fui trabalhar em casa de família cuidando de criança.

M - Em que cidade isso
M.A. - Eu morava em Quipapá, lá em Pernambuco.

M - E você acha que e importante essa vivência deles na escola?
M.A. - Ah, pra mim é importante né Marina, porque eles ta aprendendo ler, ta aprendendo escrever e não fica ni rua, né, aprendendo o que não deve. Eles faz futebol karatê, informática, faz tudo né. Ta estudando, também não fica ni rua, aprontando. Que nem criança que os pais tiram os filhos da escola pras crianças viverem nas drogas, viver mexendo no que e dos outros né. E os meus não, né. Os meus participa de tudo, de tudo, de tudo.

M - E porque você acha que é importante?
M.A. - Porque eles fica na escola tão aprendendo,né.

M - E você acha importante aprender por quê?
M.A. - Porque mais pra frente vai ter o futuro deles, né. Não é verdade?

*Ela ri, eu rio também e finalizamos a entrevista*

**M.A.2**

M -Você tem quantos filhos aqui na escola?
M.A. - Um

M - Ele está em que série?
M.A. - Tá no 3ºA

M – Já tem algum tempo que você vem se envolvendo com as atividades aqui da escola.
M.A. - Já, já tem cinco anos.

M - Suas outras meninas também estudaram aqui.
M.A. - Também. Estudaram duas depois foram pro "São Nicolau" e agora tem um na 3ª.

M - E elas estudaram da 1ª à 4ª série aqui?
M.A. - Não. Uma ficou só a 4ª e a Jú ficou da 1ª a 4ª série.

M - O que eu queria saber é se as meninas que passaram por aqui assim como o Paulo, se eles têm o hábito de ler, ou se tem algum momento que eles se relacionam com a leitura?
M.A. - Lê bastante.

M - E o que ele costuma ler?
M.A. - Os livrinhos que leva da escola, aquela revistinha Recreio, gibi, e mais um monte de coisa.

M - E as meninas? Você acha que o fato delas também estarem na escola, estarem tendo contato com o livro, contribui, influencia os hábitos do Paulo?
M.A. - Influencia, influencia sim, porque ontem mesmo eu cheguei em casa já tava com um monte de livrinho que ela leu pra ele dormir. E ele adora né. Ele gosta de ler, bastante, né. Depois que começou a ter a biblioteca aqui, ele chega em casa, já cata o livrinho e já lê tudinho. É um amorzinho.

M – Então fora os livros que ele leva da escola ele tem outros contatos com a leitura.
M.A. - Tem... é...jornal infantil, aquela parte do Estadão, aquelas coisas lá, ele preenche tudo, ama fazer Cocktail, né, e isso e legal porque desenvolve a leitura e desenvolve o conhecimento e gibi, os livros daqui. Mas assim, pra mim eu não compro livro pra ele, mas ele lê bastante sim.

M - E esse habito de leitura que ele tem, você acredita que contribui de que maneira?
M.A. - Ah, pro conhecimento da criança, né. Só ficar em rua, computador... não ficar só na lição de casa da escola, né, ler também alguma coisa.

M - Quando acontece a feira de literatura aqui da escola, você chega a se envolver
M.A. - Não.

M - De que forma você participa?
M.A. - Na escola?

M – É.
M.A. - Ah, acho que nessa parte eu nunca participei não. Ah, eu participo só contribuindo pra que o Paulo e os outros leiam os livrinhos que levam pra casa, né. Mas assim, particularmente participar, não.

M - E você? Como foi ou como e seu envolvimento com a leitura. Você tem alguma memória? Bom, quando a gente fala de leitura, a que te remete?
M.A. - Bom, quando eu tava na escola eu lia muito. Lia uns 4, 5 livros na semana. Adorava ler. Hoje em dia eu não tenho muito tempo, mas agora tenho que ler de novo por causa da escola, né.

M - Você tá estudando?
M.A. - Tô. Então por causa da escola tenho que sempre estar lendo um livro.

M - E tem algum acontecimento, algum fato que tenha marcado você. algum livro, alguma situação envolvendo leitura.
M.A. - Não. Só um que eu gostei muito de ler foi O Piano, esse eu nunca me esqueço. Esse marcou a história esse é muito bom. E também O Caminho das Borboletas. Leia, é muito bom é um best-seller.

*Ela se levanta para voltar ao Centro Comunitário, local em que trabalha, e enquanto caminha me diz:*

Viu, mas é legal isso aí. A criançada tem que ler. Eu lia muito, mas relaxei, mas também trabalho, estudo, casa, filho, marido, a gente fica sem tempo. Mas agora eu tenho que ler pelo menos um livro cada mês por causa da escola. Lá em casa não lê porque não quer. Eu tenho um monte de coleção de livros lá. Da literatura brasileira, best-seller.

M - Esses livros que você fala que são pra escola, são os que os professores pedem?
M.A. - Aham. Ultimamente eu li, li mas não acabei O Cortiço, no semestre passado. Comecei mas não acabei. É bom ler, mas só que a gente não tem tempo. O professor de filosofia que indica cada um. Outro dia indicou pra gente o

‘sentimento”....sentimento da vida? Não, não é isso. Mas são muito bons os livros. na aula de filosofia você imagina o que tem que ler. Se cada um lesse um livro a cada seis meses... Ontem eu cheguei em casa tinha uma porção de livro espalhado na cabeceira da minha cama. Falei “que é isso?”, e a Jú “ah, eu li pro Vi dormir”. Ele adora ler, ele adora tudo.

**P.M.A**

M-Bom, sua história é um pouco diferente porque além de professora você também é mãe de aluno.
P -Uhum

M-Há quanto tempo você dá aula?
P- Cinco anos e meio.

M- Esse tempo é desde quando você saiu do magistério?
P- Não. Eu fiz magistério, me formei em 97’. Não lecionei, Até procurei em escola particular, quis prestar concurso em escola do estado, mas nenhum deu certo. E acabei indo pra outros ramos, né, e quando foi...aí eu prestei o concurso aqui de Indaiatuba em 99’ e em 2002 me chamaram. Aí, contados, aqui foram cinco anos, mas em 2001 lecionei seis meses numa escola em Campinas, por um concurso de lá por inscrição mesmo. Então dá cinco anos e meio.

M-No cotidiano da sala de aula, ainda que você seja Substituta, não tem nenhuma sala pela qual você seja responsável, quais os espaços na tua atuação em que acontecem a leitura, como os alunos se envolvem, como você faz acontecer?
P-Então, nesse caso é um pouco complicado né, assim, porque como a gente fica um dia ou dois, a gente acaba se prendendo á interpretação de texto, ou fazendo a leitura de um livro pra depois eles falarem sobre o livro; às vezes as crianças trazem algum livro e você acaba lendo sem ter selecionado antes aquele livro pra fazer a leitura, mas como a criança traz, acaba lendo aquele livro. Mas assim, quando, é por um período maior eu procuro trabalhar a reescrita de livro, eu acho que daí você consegue dar uma continuidade, você consegue atingir mais coisas, é...além de você ler o livro, você faz a interpretação, você faz a reescrita, e por aí você consegue abranger mais o leque e você não fica com o trabalho solto; porque a maior dificuldade que eu sinto é ficar com o trabalho picado, que cada dia você ta numa sala então quando você tá mais tempo, a partir da leitura eu consigo, é, como eu posso dizer? Amarrar mais o trabalho né e não ficar aquela coisa solta. Mas por exemplo, quando eu trabalhei no começo né, a gente fazia o dia da leitura, por exemplo né, então toda sexta ou toda segunda, a gente escolhia um dia na semana onde eu pegava os livros da biblioteca, deixava eles expostos na sala, e daí eles iam pegando os livros e lendo na sala, por um tempo, daí depois ou a gente fazia ficha de leitura, ou algum aluno contava o livro que leu, de casa. Coisas desse tipo.

M-Como você acredita que deveria ser o espaço da leitura no cotidiano. O que você acha que seria um trabalho legal?
P-Eu penso que tem que ser uma coisa espontânea da criança, mais espontânea da criança. Porque assim, quando eu trabalhava com fichas de leitura é legal, mas acaba sendo uma coisa forçada, né, por que aí fica assim “Ai eu preciso ler porque eu preciso registrar”. É...(silêncio) não sei. (ela ri). Porque assim, eu percebo muito a questão de ficar focalizado na questão, assim, da interpretação de texto: eu leio pra interpretar, ou eu leio, ou eu escrevo pra fazer um livrinho no final. Né, assim. Que nem a Feira de Literatura: ninguém sai do básico de ‘vamos ler muitas histórias, e eles vão recontar muitas histórias e fazer vários livrinhos”. Então toda feira de literatura é isso.
Você não tem um recital, você não tem outras coisas diferentes, você não tem uma peça que sejam as crianças que elaborem. Porque o professor elaborar é uma cosia. Agora a criança ler o livro, ou uma poesia e daí ele montar, é outra coisa. Então assim, você só tem um monte de livro...aí você tem um monte de Chapeuzinho vermelho. E são as mesmas leituras, né. Eu acho que precisa diversificar mais. Eu acho...assim...são sempre as mesmas leituras...ninguém sai do Chapeuzinho Vermelho e da Cigarra e a Formiga. (nós rimos) das fábulas, você fica só nisso e depois você vai fazendo aquele montaréu de livro e o que acontece com esse livro depois?Né?Fica na biblioteca?N’ao fica. Alguém lê , a criança leva pra casa e deixa la, e rasga, sei la (risos), sei la o que ela faz com aquele livro, mas acho que falta mais diversidade assim, de como trabalhar com o livro ne. Acho que isso falta muito, assim. Eu não acredito naquela historia de `acabou de fazer lição vai ler’, ne. Teve uma época que eu ainda achava que ne. Mas porque que o professor faz isso, pra eles ficarem quietos, ne. Acaba não sendo, o foco não e o despertar do prazer pra leitura, e pro aluno ficar quieto, ne. Então vai la, l~e e fica quieto. Então não sei (suspira). Acho que precisa diversificar mais, assim, as leituras ne...assim, o tipo de leitura mesmo, ne. O tipo de livro. Leitura em que as crianças tenham que ler ns entrelinhas também, ne. Não ficar só naquelas historias, ne, como se diz, mais fáceis, vamos dizer assim.

M-Mesmo sendo essa a visão da Feira, você acha que tem alguma contribuição e qual contribuição e essa?No pessoal, na sala de aula?
P - Contribuir com certeza vai, ne.Sempre. Mas, é... a coisa fica muito didática ne, então não sei ate que ponto essa criança vai usufruir do prazer da leitura, n[e. Porque ele ouve a historia, presta atenção porque vai ter que reescrever porque ele sabe que tem que fazer um livro, porque tem que ser exposto um livro. Então assim ate que ponto a leitura e feita porque ele gosta de ler? E não simplesmente porque ele vai fazer algum trabalho. Mas (pausa) eu acho que pessoalmente, ne, contribui bastante. Agora o único problema e que quem escolhe a leitura são os professores ne. Ai já fica uma coisa ... [e..por isso que eu falo que a coisa fica didática, ne. Você trabalhar historia, pra trabalhar paragrafação, estruturação, não sei que, tal, tal, tal, que o professor escolhe o livro que ele vai trabalhar e como ele vai montar o livro pra expor, mas porque assim, se e pra colaborar no pessoal, então ela tinha que ter a liberdade pra falar eu quero falar de conto, eu quero falar de fabula, eu quero falar de poesia, né, então você já ta delimitando o que ele precisa ler, ne. Que nem, o Vitor já falou pra mim `você tem que me ajudar a fazer

poesia`, eu não sei fazer poesia. Então já ficou pré-determinado que vai ser poesia a dele. Então você já fica ali delimitando o que ele precisa ler.

M-Você acredita, que você, ou qualquer outro professor, conseguiria dentro desse formato de escola trabalhar com e leitura de uma outra maneira? De ser mais leitura por prazer por fruição?
P-Eu não acredito nisso, porque eu não acredito muito na mudança no profissional, no professor, ne. No sentido assim, e aquela coisa, velha historia de que eu tenho um conteúdo a cumprir, ne. Então assim, eu tomo isso não pelo caso da leitura, mas por outras coisas que poderiam acontecer na escola e que acabam não acontecendo por isso. Jogos por exemplo, é...pessoal de 1ª a 4ª não joga com as crianças e se joga e pra matar tempo, não e assim... e pra matar tempo. Então assim, por que? A porque não da tempo, porque eu tenho que cumprir o conteúdo disso, daquilo, daquilo outro e que não e fácil. Não e fácil você despertar o gosto pela leitura. Então acaba assim...acomodando mesmo. De achar que e so botar um livro lá e pronto, ne, a criança vai ler e tal. Eu não acredito muito nisso, ne. Acho que teria, que deveria haver uma mudança muito grande no profissional, ne, e isso eu acho muito difícil. Pelo menos aqui na rede eu acho.

M-Quando você diz profissional é na conduta do professor ou na condição que a escola dá pra ele?
P-Na conduta do professor. No profissional mesmo. Dele se permitir essa mudanca de que eu vou trabalhar dessa maneira.

M -Você se envolve como na feira de literatura. Você se envolve como?
P-(pausa) Então, nos últimos anos (pausa) o meu envolvimento e de estar auxiliando os professores, e o que me [e designado, ne. Então assim, na confecção dos livros, essa parte ne. (pensa). Eu nunca tive, assim, a minha sala pra eu 'tar' trabalhando, por exemplo, isso eu nunca tive. Mas aqui nos anos que eu trabalhei foi de auxilio mesmo. (pausa) E nem tanto assim de sugestões, cada um já tinha assim, o seu plano ali e era só ajudar a executar mesmo, na sala de aula com os alunos. Esse tipo de coisa.

M-E seus filhos? Como você acha que eles significam a feira de literatura?
P-Não sei. (ela ri). Eu não sei se e apenas mais um trabalho, que tem a cumprir (pensa) porque pelo o que ele me disse foi um pouco isso ne, `você vai TER que me ajudar porque eu vou TER que fazer poesia`, e um trabalho a mais que eu vou ter que cumprir na minha jornada ai. Mas e uma coisa que eu já fiquei pensando disso ne, qual e o significado ate pra comunidade, o que e uma feira de literatura? o que e uma feira de ciências? De que forma a comunidade participa disso? Os professore se queixam, ~ah, eles vem mas eles não olham`. Mas será que eles sabem o que tem que fazer aqui? Será que eles sabem que na feira de ciências, na feira de literatura ele tem que parar ouvir o que ta dizendo, o que ta falando, se ele pode manusear o que ta ali, se ele não pode. Então quer dizer, `passa, olha e não presta atenção`, mas as vezes a falta do habito causa isso. Então eu não sei se eles estão acostumados com isso ainda, ne, porque eu não sei ate que ponto todos os alunos são envolvidos nessa feira de literatura. Nos já tivemos casos da

criança fazer a peca teatral sem conhecer a historia. Então quer dizer, que tipo de envolvimento e esse nessa Feira de Literatura?Que a criança não sabe que historia e essa? O professor chega com tudo pronto, ele decora as falas e apresenta. E os outros alunos participam de que maneira, ne, já que foi decidido que vai fazer uma peca teatral? Então acho que precisa desmistificar isso, assim, que feira de literatura e produzir livro. Porque eu acho que pra eles e muito isso, que feira de literatura e montar livro.Eu acho, ne.
Agora o interesse da leitura eu vejo muito por eles, assim, `em casa de ferreiro o espeto e de pau`, porque eles não lêem em casa, por mais que você fale `não e pra deixar o livro na bolsa` o livro fica uma semana na bolsa.Uma vez ou outra pega livro. Não tem nem a idéia, assim, eu não acabei o livro eu vou renovar.Nao. O que leu, leu, o que não leu devolve e na outra semana pega outro. Então ai ta faltando mesmo esse trabalho diferente com a leitura.

M-E fora os livros que eles levam aqui da biblioteca, em casa tem outros?
P-Em casa tem. Tem. Eu sempre tive, ne, assim, em casa. (pensa)Eles sempre foram rodeados pela leitura, ne. Tanto na casa dos avos. O meu pai lê muito, ne. O meu pai ta sempre lendo. E as tias também. Tem aquela velha coisa de toda noite ler livro, ne, que e menor e não sabia ler sozinho ainda.

M-E eles curtiam esses momentos em que vocês liam?
P-Sim, eles gostam. E agora eles invertem, quem lê são eles. O Vitor me pediu um livro de presente de Natal.

M-Então ao mesmo tempo que eles não gostam de ler os livros da escola, eles te pediram livro como presente de natal. Então acontece ao mesmo tempo o querer e o não querer ler?
P-Não, eu acho assim, não que eles não gostem. Eu acho que eles gostam de ler mas ainda não e aquele habito, assim, `ah eu não posso ficar sem um livro na cabeceira`, acho que isso ainda não tem. Mas eles gostam de ler. Percebo também que eles são criteriosos pra escolher os livros.eles não pegam qualquer livro na escola. Eles usam de algum critério, assim. Percebo que nem, Ziraldo eles pegam muito, sempre tem algum livro do Ziraldo. Então eles acabam sabendo selecionar o que eles querem ler.Que nem, o livro do Natal foi de uma coleção que ele já conhecia, ne, que ele já tinha alguns livros. Então a gente foi completando a coleção, ne. Então tem um critério também pra leitura.

M-E você? Quando a gente fala de praticas de leitura a que te remete? Você tem alguma memória?Uma passagem, alguma coisa que tenha ficado?Que tenha te marcado?
P-Bom, meu pai, ne. Não sei se e isso que eu to entendendo, mas quando eu penso na pratica de leitura eu penso no meu pai que e a figura de exemplo, ne, pra mim.

M-Que memória você tem?
C-(Pausa) Um estante cheia de livros (ela ri).O meu pai trabalhava na biblioteca, ne, municipal, e depois de algum tempo ele começou a restaurar livro, então quer dizer, sempre tinha livro em casa, ne, as vezes livros que iam jogar fora, por exemplo, na biblioteca, ele levava, reaproveitava. Então ele tem muita coisa. Mas também não e aquela...aquela...forçando a leitura `Não, ler e muito importante, tem que ler, toma esse livro`, foi uma coisa muito natural. Mas com certeza o meu pai, assim, sempre que você chega na minha casa, na grande maioria das vezes ele ta no quarto lendo. AS vezes lê dois, três livros ao mesmo tempo, um livro por semana. Enfim, esse exemplo ficou muito, pra mim, significativo.

M - Na feira de literatura você participa mais como mãe ou como professora?
P -Então, eu não tive muitas experiências como mãe, ne. Porque antes, na verdade, na escola em que eles estudavam não tinha feira de literatura e o ano passado teve, e assim, eles produziram coisas simples, ne. Mas eu não sou muito de...tomar iniciativa, não e o meu perfil. Então se ninguém me procurar pra que eu faca determinada coisa, ou peca sugestão, ou diga `o, vem trabalhar comigo porque eu to tendo algumas idéias e acho que você vai poder me ajudar` e tal, enfim, eu não vou tomar essa iniciativa, estando sem sala, no caso de tomar a frente de alguma coisa. Não faz parte de mim isso. Então nessa, por exemplo, eu poderia estar trabalhando muito mais como mãe, e tar colaborando ai nisso.(pensa) E como eu sei que vai ser so montar livro eu sei que eu vou ajudar muito a confeccionar livro. Isso eu acho que sim.

**I.A.**

M - Há quanto tempo você trabalha aqui na escola?
I.A. - 4 anos e meio.

M - O que você percebe, qual a impressão que você tem de como a leitura circula aqui na escola?
I.A. - Eu acho que assim, na hora do intervalo que eles pegam os livros para ficarem lendo, mas eu acho ainda que eles usam pouco a biblioteca durante o período de aula. Se tivesse mais tempo para estar usando com o professor, eu acho que eles têm pouco tempo, é só mesmo no dia da biblioteca. Então, eu acho que poderia estar sendo mais usada ainda, sabe, a biblioteca, eles poder ter mais contato com o livros. Apesar de nas salas de aula os professores fazem leitura compartilhada, né, mas eles mesmo é só uma vez por semana.

M - Eles têm quanto tempo pra ficar dentro da biblioteca?
I.A. - É 50 minutos por sala, é uma aula que eles têm, esse tempo eles têm para estarem escolhendo os livros, para estar devolvendo.

M - Aí eles vão de pequenos grupos?
I.A. - Ah, pequenos grupos. Pequenos grupos para você ter mais qualidade, para eles terem mais espaço e para você poder dar mais atenção. Porque se for a sala

toda não tem como você dar atenção. Então é pequenos grupos, pega, escolhe e eles têm que fazer isso nesses 50 minutos.

M - É costume dos professores freqüentar a biblioteca com os alunos?
I.A. - Não.

M - Não?
I.A. - Não, não. Não têm esse costume não. De eles estarem pedindo um horário para estar freqüentando, porque como tem já uma vez por semana, não tem não.

M - Tá. Dentre as funções que você desempenha aqui na escola tem a de bibliotecária. E conta um pouco pra gente como é que foi a sua história de se tornar bibliotecária, de ajudar a organizar a biblioteca aqui dentro.
I.A. - É porque esse projeto quando eu cheguei ainda não tinha, né, porque a escola tinha pouco tempo, então eram os professores que iam. Só que acabava assim, como os livros são tudo por ordem numérica, tem que ter um controle, assim, de estar arrumado, de você estar cuidando dos livros. Então essa função foi passada pra nós, né, inspetoras, pra estar podendo...o professor fica na sala... Pra falar a verdade, no começo o professor ia com as crianças e nós que ficávamos na sala, só que daí eles deixavam atividade, as crianças acabavam não concluindo e o professor ia para a sala. Daí logo nós vimos que esse processo, a biblioteca ficava muito bagunçada, ela levava às vezes um grupo maior de alunos e não conseguia controlar. Então, nós fomos mudando, então, a professora fica na sala, começou a ficar na sala, e nós começamos a subir com o aluno, que nós que arrumamos a biblioteca e deixamos tudo em ordem, então, daí foi assim que aconteceu as inspetoras estar tendo esse cargo e não as professoras.

M - E como é que vocês organizaram os livros? Quando você chegou eles estavam como?
I.A. - Quando eu cheguei eles já eram todos por ordem numérica, só que depois nós achamos melhor selecionar eles como literatura infantil, infanto-juvenil e adulto, né, pra então... foi colocado assim um durex colorido diferenciando as etapas, para as crianças poderem terem mais acesso, mas eles podem pegar o que eles quiserem menos os de pesquisas de professor, que o professor usa, né, para estar preparando aula, agora assim, eles podem pegar porque a criança tem o direito de querer um livro mais grosso, com mais letrinhas, de adulto, mas eles geralmente preferem o que eles já sabem que está destinado pra eles, que eles gostam mais, tem mais coisas pra eles.

M - Tá, e, assim, eles vêm, eles pegam o livro, podem levar pra casa?
I.A. - Isso, uma vez por semana eles pegam o livro, é marcado numa caderneta o número e daí eles levam pra casa. Eles têm uma semana para ficar com o livro, daí na próxima semana, naquele dia, naquele horário, a inspetora vai na sala, né, pega esse grupinho de 6 em 6, eles podem estar trocando, então, toda semana estar com um livro novo.

M - Acontece de renovar o mesmo livro?
I.A. - Acontece. Tem criança que renova. Ela está lendo, está gostando e daí ela só sobe pra renovar, só.

M - E na biblioteca, como as crianças se relacionam com essa hora que eles têm pra ir, escolher a leitura, escolher o livro que eles querem. Como você sente que eles estão lá dentro?
I.A. - Eu acho assim que como tem criança que já faz, tem esse hábito há 4 anos, né, desde o pré ou da primeira série, eles estão agora na quarta, é muito bom, porque eles procuram alguns livros, alguns livros que um amigo leu, que ele gostou, ou mesmo que uma professora leu e eles querem levar pra casa pra mostrar pro pai, pra mãe, pro irmão ou mesmo ele de novo, ele quer ele mesmo pegar o livro que o professor leu, então ele se relaciona assim, acho uma coisa muito boa, vai acrescentar muito no futuro deles esse contato de eles estarem levando o livro, de estar já, sabe, pedindo alguns títulos, sabe, que eles gostam, que alguma amiguinha leu ou o professor leu e estar... então, eu acho assim que, eu acho assim, uma coisa muito grandiosa, né, na idade deles eles estarem podendo ter direito a isso, quantas crianças não têm ou não tiveram, né, nenhum acesso a nada disso.

M - E aqueles que são, que você vê, que a gente vê, né, na escola, que são um pouco mais levados, tal, mais arteiros, como é que eles são lá?
I.A. - É, tem. Tem esses mais agitados, mais danados, que às vezes já chegou criança que chega na biblioteca e falar "Eu não quero, porque não tem", eu falo "Ah, você não obrigado a ler. O bom que a escola está te oferecendo, mas você não é obrigado". Mas daí a gente sugere "Mas o que você gosta?", que geralmente são meninos, né, tem meninas, mas é menos, meninas é mais... parece que interessadas. Daí você vai, "Gosta mais de aventura, de dinossauro?", depende a idade, né, então a gente tá muitas vezes incentivando eles, sabe, a idade deles, tem liberdade, mas a gente dá opinião. Mas existe esses que entra na biblioteca e vai colocar o livro na bolsa e vai devolver ele inteiro na próxima semana, né, mas são poucos. Assim, eu percebo que de... os alunos que a gente tem são poucos, pouquíssimos que fazem isso, a maioria... ou ele prefere então levar um livro menor mas que possa, sabe, então acho que a gente tem um bom resultado.

M - Você tem lembrança, como é que acontece a feira do livro na escola?
I.A. - Olha, feira de literatura, assim, que eu estou lembrada não teve. Então, se teve foi antes de eu estar aqui.

M - Então, assim, ainda em relação à leitura e tal, pela sua experiência você vê, você acha que traz, que tem trazido benefício para a criançada, tem feito a diferença?
E - Ah tem e muito. Tem muito, é muito gratificante você ver uma criança querendo ler O Pequeno Príncipe, com 8, 9 anos, quando eu fui entender O Pequeno Príncipe agora, né. Uma criança, sabe, títulos assim, que você sabe que só vai acrescentar na vida dela, então, acho assim que isso pra ela, uma criança

de pré, lendo sozinha e pedindo pra mim guardar o livro que ela quer tal livro, eu acho assim que só tem a acrescentar mesmo pra eles, né, só vai enriquecer eles como pessoa.

M - Foi esse ano ainda, na hora do recreio, eu lembro que, não foi desde o começo do ano que vocês passaram a colocar gibis, foi no meio, mais ou menos, do primeiro semestre, na hora do recreio, como que foi, o que a criançada pode pegar pra ler?
E - Esses que ficam na hora do recreio são geralmente livrinhos que já está na biblioteca, tá muito velho, estão muito feio ou gibis que a gente consegue de doação. Ah, eles gostam muito, assim, quando... sempre teve, é que como os brinquedos são as vezes meio reciclados, quando a gente vê que eles não estão curtindo muito a gente não coloca, né, mas as vezes eu percebo que se a gente não coloca tem alguns que vêm pedir, vêm pedir, então eu falo "Não, pode pegar, só não coloquei hoje porque ontem ninguém pegou", mas eles gostam. Tem muita criança que lê na hora do recreio, que gosta. É só ter alguma coisa nova, né, porque criança acaba enjoando, mas se tem alguma coisa nova eles acabam pegando. Tem bastante criança que lê sim.

M - E você, Fá, qual a sua relação com a leitura?
I.A. - Eu acho que a leitura é um mundo, né, um mundo aberto, assim, de coisas novas pra gente aprender sempre e cada vez que você tem uma boa leitura você só cresce como pessoa, como já falei das crianças e eu gosto muito de ler, de ler tudo. De todos os aspectos eu acho que a gente sempre tem o que aprender e eu, sempre que tem alguma coisa boa, que tenho tempo eu tô lendo, acho que não existe uma viagem melhor, né, do que você poder estar lendo, estar identificando com o que você lê e entendendo.

M - Você consegue tempo pra ler assim?
I.A. - Consigo, só (não consegui ouvir) pra ler eu consigo. Consigo, arrumo um tempo e consigo.

M - E em que momentos, assim, você costuma ler?
I.A. - Á noite, final de semana se tem um tempinho. Ah, um tempo, se estou com um livro bom eu acho tempo, porque eu já cheguei assim, a estar com muito sono, mas querer estar virando a página e querer estar sabendo o que vai acontecer, então, eu gosto muito de ler.

M - Você tem alguma lembrança, assim, da leitura na sua infância, ou melhor, qual a lembrança que você tem de leituras e livros, assim, na sua infância, adolescência, na sua história?
I.A. - Na infância nenhuma. Nenhuma porque, assim, é... sabe, era uma escola de sítio, muito pequena, onde a coitada da professora, onde ela tinha que dar aula pra primeira, segunda e terceira série na mesma sala, aquelas histórias que a gente hoje vê só na televisão, existe e já existiu, né, então a professora acho que era uma fada, né, então ela não tinha como, não tinha recurso por ser uma escola de sítio, então, na minha infância nunca peguei um livro na mão, nunca lembro de

ter pego um livrinho, alguma coisa. Então, quando na minha adolescência já com uns 13 anos, quando eu descobri gibi eu achei o máximo, fiquei até viciada em ler gibi, sabe, porque era uma coisa mais barata, né, era um artigo mais barato, onde eu tinha acesso, às vezes trocava com as amigas, né, então, assim, foi assim meu primeiro contato com a leitura foi os gibis e depois que eu fui, mais adolescente ainda, mais tarde que li os contos, romances, né, mas foi a partir dos 13 anos que eu acho que eu peguei alguma coisa na mão e comecei a ler.

M - Muito obrigada!

I.A. - Feira de literatura eu não lembro mesmo se já teve, a professora A. sempre que fazia, tem dois anos que vejo ela confeccionar, tem até um livrinho que ela confeccionou com as crianças. Mas a feira, de estar exposto na escola num...

**P.P.**

M-Há quanto tempo você leciona?
P-Na prefeitura 8 anos, vai fazer 7. Catorze ao todo. Em substituição antes. Na prefeitura 7 anos.

M-Você se formou no magistério?
P -Sim, e estou terminando a faculdade agora no final do semestre.

M -No cotidiano da sala de aula, quais os espaços e momentos que acontece a leitura e como os alunos se envolvem com ela?
P - Eu acho assim, tem dia que eu faço a leitura na entrada, né, como um aconchego da entrada, um livro que eu escolho, muitas vezes eles trazem o livro de casa pra que eu leia, e normalmente, mais precisamente sempre no final das aulas, porque assim, eles voltam do intervalo agitados, então assim, acho mais fácil sentar com eles, de vez em quando na roda, às vezes sentam na cadeirinha mesmo e eu conto historia, e depois eu passo os livros para eles estarem vendo.

M- Tem um espaço pra biblioteca?
P -Sim, aqui na escola sim. Mas eu acabo não subindo com eles porque até que eu consiga arrumar todo mundo; é complicado pra você subir porque eles são muito pequenos. Mas o correto seria, subir a biblioteca pra ler, porque lá é o espaço pra isso. Mas eu acho meio complicado porque eles demoram muito, e o tempo é corrido, porque são só 3h12 então quer dizer, se você faz uma atividade e volta do intervalo tem 10' e pra que eu suba com eles e volte acho meio complicado isso. Tá voltando, subindo com a escada, depois voltando, eles não conseguem fazer uma coisa muito rápida, né. Então a gente acaba devido ao tempo, ficando na sala de aula.

M - Eles curtem fazer biblioteca?Eles se envolvem ou você sente que é só mais uma atividade da qual eles participam?
P - A maioria gosta de levar livro. Tem alguns que você percebe que o livro só vai pra bolsa, vai pra casa e volta, que a mãe em casa não tem interesse de ler, nada disso, e eles não tem ainda, e esses que levam por levar, eles acabam pegando

livros que não têm nada a ver com a leitura deles, por exemplo, um livro muito grosso ou livro que não seja pertinente à idade. Agora o pessoalzinho que a mãe já lê em casa você percebe que eles pegam livro mais ou menos direcionado praquilo que eles gostam, é mais ou menos sempre o mesmo estilo de livro, de leitura.
Tem a Renata que é muito interessante porque ela pega livro pra ler e depois ela conta pra sala de aula o livro que ela leu, ela assim, ela ama a leitura. Então ela assim, ela pede até pra Fátima guardar o livro, reservando livro porque ela quer levar aquele. E muito interessante, ela gosta, ela quer contar, quer saber.
Então a maioria gosta de ta levando, assim, alguns casos levam por levar por que a família também pelo jeito não incentiva por mais que a gente incentive na escola ler, isso não faz muito efeito.

M - Em relação à feira de literatura que vem acontecendo na escola, como se dá o envolvimento dos seus alunos na construção dos trabalhos pra feira?
P - Olha, ainda eu ainda não comecei o trabalho da feira, vou começar agora depois da feira de ciências. Mas assim o ano passado eles gostaram muito, porque a gente fez as lendas onde eu era a escriba e eles iam contando as lendas e nos montamos o livrinho e eles amaram fazer o livrinho e eles queriam ter todas as lendas, mas assim, teve umas que não deu tempo, porque como falei o tempo é pouco e as crianças eles queriam fazer todas as que eles conheciam, mas faltou acho que uma ou duas que não deu tempo de ficar pronta pro dia, e assim, e eles amaram, porque tinha tudo o que eles queriam contar; e eles chegavam em casa, e contavam. E muitas mães vieram falar que eles contavam as lendas e tinham medo das lendas que contavam e não queriam dormir a noite, mas queria contar, foi muito engraçado, muito bom.

*Interrupção*

M - Você estava falando de como os seus alunos se envolvem na feira de literatura.
P - É, que o ano passado foi muito bom, pelo menos as crianças gostaram de ter confeccionado o livro foi um livro com várias lendas, costumes, diversas coisas do folclore em forma de feira literária de vários estilos literários, foi baseado no folclore, foi bacana, queriam confeccionar a próxima lenda, ilustravam do jeito deles. Agora esse ao a gente vai fazer sobre as cantigas né cantigas então assim, não sei como vai fazer, mas acredito que vai ser no mesmo estilo. Porque cantigas, ainda melhor que assim é uma coisa que eles fazem todo dia, cantar né.

M-E eles têm tido já, como no ano passado foi trabalhado o folclore, eles já tinham tido contato, você já vinha trabalhando algumas lendas pra eles confeccionarem os livros?
P - Não. Na verdade as lendas é bom porque eles já tem contato com as lendas, quer dizer, no cotidiano já sabem as histórias do lobisomem da mula sem cabeça, porque é uma coisa que ta na família, que todo mundo conhece, é popular, digamos assim, então acho que facilitou pra que fosse confeccionado as lendas, então assim, forjar ser uma coisa conhecida, então cantigas também vai ser uma

coisa conhecida então assim como é do dia a dia é mais fácil trabalhar porque como eles ainda não sabem ler e escrever, então é melhor que seja dessa forma com coisas que já fazem parte do mundo deles.

M- Mesmo sendo alunos de pré-escola já tem toda essa preocupação com alfabetização, letramento, em manter a criança sempre em contato com leitura e escrita. Você sente que é significativa a diferença, ou que faz alguma diferença, o envolvimento deles na construção do livro?
P-Sim, bastante, bastante. Principalmente quando você ta trabalhando um fator assim, que você é a escriba, que você ta escrevendo, pra ele tem muita funcionabilidade porque até então ele não tinha percebido que através, que você falando você pode escrever a mesma coisa, então assim, quando você ta fazendo isso com coisas que ele conhece fica mais fácil pra ele associar que você usa a letra pra escrever e isso avança bastante a criança, é lógico que aqueles que não têm muito estímulo da leitura, (quando) ele não vê o livro como uma coisa boa eles acabam não prestando atenção, não tem significatibilidade pra ele porque o que acontece: ele leva o livro, ninguém lê. quer dizer, ele fica perdido.é aquela coisa, tem alguns, são uns casos raros; por exemplo, na minha sala deve ter uns 3, 4 que o livro não significa nada pra eles. O restante já quer, ele já percebeu que aquilo ajuda, tem alguns, que é o caso da Lígia, que tá lendo né. Aí os livrinhos que ela leva, ela quer contar a história. A Lígia lê, a Renata ela decora a história e fica assim repetindo. Mas assim, o problema é que ela decora a história, e eu acho engraçadinho porque ela decora até o ponto (pontuação do texto) da história. muito bom. Eu acho legal.

M - Qual importância você atribui à leitura, ao contato da criança com o faz de conta?
P - Eu acho assim, que a idade que eles têm é a idade onde o imaginário tá, assim, a mil por hora, eu acho que a leitura pra eles é uma forma de ele criar, do imaginário dele aguçar ainda mais, mas assim, porque às vezes ele tem o imaginário mas não tem é... um...ele só imagina coisa assim que não tem é... Como que eu vou explicar pra você?Coisas assim que não tem fundamento, mas assim, a história acho que direciona e estrutura um pouco o pensamento dele, porque tem uma seqüência da história, de acontecimentos, de fatos, quer dizer, de começo, meio e fim. E a criança que não lê, acho que ela fica muito restrita, a cabeça dela não desenvolve. No caso você pode perceber que a criança que não lê, a criatividade não ajuda; que a leitura além de ajudar o imaginário eu acho que ela, a criatividade, é aquela.Como fala?O saber, aumentar o saber através, não aumentar o saber não seria a palavra correta, mas é tipo assim, ele percebe que ele pode procurar muito mais coisa lendo. Então eu acho assim, que a leitura é essencial, mas o que acontece, tem que ver também o tipo de leitura que você vai ler com eles, porque assim, ler por ler não ajuda em nada.
Eu me coloco no lugar deles, porque assim, eu lia quando tava na escola por obrigação e não por gostar de ler. Porque os livros que eram indicados, a indicação dos livros você tem que tomar cuidado, por que?Quando eram os professores que indicavam a gente não tinha é... não tinha a ver com aquilo, com

o meu mundo a leitura que eu tava lendo. Então hoje eu sou um leitor assim, que agora eu to aprendendo a ler de novo, porque até então eu não gostava de ler. Por que? Não lia nada que fazia significado pra mim.
Agora, pras crianças então, você tem que pegar livros que façam, assim, algum significado pra ela pra que ela aprenda gostar de ler. Você lê de vários tipos. Cada um vai se associar vai perceber qual é a melhor pra ele.
Porque depois de você lê um livro que pra eles não tem sentido ele perde o gosto pela leitura, então assim, como eu leio de vários estilos, eu leio conto de fadas, tem uns que associam demais com conto de fadas, e dá até pra você saber que ele gosta mais daquele, o poema pra uns, “olha professora: rima”. Não, não fala rima né, fala “combina, professora”. Pra outros, gosta de história de terror, então quer dizer, pra cada um tem uma coisa, mas se você lê um pouquinho de tudo, você percebe assim, que faz sentido pra uns, ele vai pegando.
Eu tenho mania de ler um pedaço, parar e ‘cabou’.A história não tem, se você quiser você pega e leia. Então quer dizer, aguça muito aquela vontade de ‘ai o que vai acontecer?eu vou pedir pra Fátima o livro”. Aí eles vão lá, pedem. Então você tem que ler um pouquinho de tudo pra que cada um pegue aquilo que acha melhor.

M - Você já falou alguma coisa, mas gostaria de saber mais como se dá e como se deu na sua experiência pessoal a leitura. O que você tem de registro a esse respeito?
P - Ah, tenho um registro assim, pra falar a verdade eu não gostava de ler porque os livros que eram indicados na minha época era Série Vaga-Lume, aquele Poliana que na época tinha. Mas assim, não fazia parte do meu mundo, ah e outra, sem contar que a leitura não foi instigada, apesar da minha mãe ler. Eu sempre gostei de contos de fada, minha mãe sempre leu isso. Tinha livrinho do Topo Gigio que eu gostava de ler. Lia muito, eu tinha os livrinhos em casa, então aqueles livros de história, então quando chegou, ‘aquela coisa’, chegou teve um tempo que antigamente era muito caro, não tinha tantos livros como hoje tem a biblioteca na escola, que tem um grande repertório de livros, né. Então o que acontecia, o professor pedia pra ler essa Série Vaga-Lume que pra mim não tinha aquela coisa assim, eu lia mas meia hora depois que acabava de ler já tinha esquecido. Eu lia pra registrar o que ele mandou não porque gostava; então, agora os contos de fada, as histórias que eu gostava eu sabia de cor e salteado desde pequena, né. Então assim, a minha mãe lia, contava e assim, eu acho que foi pouco estimulado, se eu tivesse tido uma, como fala, um repertório maior de livros eu poderia gostar mais de ler porque eu não me identifiquei, porque o conto de fadas eram poucos, hoje tem muitos, tem contos de fadas contados de outra forma. Eu acho assim, que se tivesse a quantidade de livros que tem hoje na minha época, eu seria um leitor mais assim, como se diz? Com um leque maior de conhecimento, eu acho que é muito pouco, né. Deveria ter tido mais. Agora eu to voltando a ler os livrinhos com eles. Eu tenho os que eu gosto, eu gosto, eu me sinto criança de novo lendo com eles. Eu dou risada, eu conto, eu brinco com eles, então assim, eu acho que agora tá surtindo mais efeito. Apesar que agora assim, tem muita coisa que deveria ter sido estimulada na época mas não foi  e eu acho que agora o governo tá investindo muito mais na leitura do que antigamente,

porque antigamente não tinha essa coisa de leitura. Os livros eram muito mais didáticos do que paradidáticos. Então assim, você percebia que era muito pouco. E os que tinham, era assim, todas as escolas tinham o mesmo que eram esses vendidos, dessa coleção Vaga-Lume. Que não dá mais, né.
Então assim, ainda algumas escolas adotam o método de estar lendo pra fazer trabalho, por obrigação. Eu acho que a gente tem que pensar muito, não por obrigação mas pro prazer, lazer, né. E eu li muito por obrigação e não porque gostava.

M - E ao longo da sua carreira profissional tem alguma passagem que tenha te marcado?
P - Ah, eu acho que foi esses dias, de ver a Renata. Eu me identifiquei bem, porque assim, a gente ta trabalhando desde o começo do ano, e assim, 'ver ela' falar assim "ah, professora pede pra Fátima guardar esse livro pra mim que eu quero terminar de ler" ou "reserva pra mim tal livro" eu acho assim, que marcou de mais por que assim, você vê, pra ela fez o efeito que a gente quer, quer dizer, de querer mais, né. Eu achei o máximo.e assim, ela contando a história, assim, eu gostei muito,muito. E ela depois , eu pensei que fosse só A Casa Sonolenta. Até ela queria o teu livro emprestado, ela falou assim 'ai empresta pra mim', daí a Fátima falou pra ela 'tá com outra criança", "mas a professora tem um, empresta esse", eu falei "não, esse eu não posso porque não é meu" , mas assim eu gostei muito de ter visto isso, sabe, por ser tão pequeninha e já preocupada em ler é muito bom. Essa foi boa!